

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

INSTITUTO SUPERIOR de ECONOMIA e GESTÃO



LE 142.067.47
1998
45494

MESTRADO EM: ECONOMIA E POLÍTICA SOCIAL

ABANDONO ESCOLAR PREMATURO

ESTUDO CASO EM 4 ESCOLAS PORTUGUESAS

Nuno Ricardo Machado de Moraes Sarmento Ferreira

Orientação: Dra. Maria Emília Ferreira São-Pedro

Juri:

Presidente: - Doutor José António Correia Pereirinha, professor associado do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa;

Vogais: - Doutor Mário Ferreira Lages, professor auxiliar da Universidade Católica Portuguesa;
- Dra. Maria Emília Ferreira São-Pedro, especialista de Economia da Educação do Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Educação.

Dezembro/1998

RESUMO

O presente trabalho tem como objectivo diagnosticar algumas das causas determinantes, responsáveis pelo problema do Insucesso Escolar e do consequente Abandono Escolar Precoce, que ocorrem com frequência significativa, no cenário escolar português.

Uma curta retrospectiva histórica da escolaridade em Portugal conduziu-nos até à situação actual da comunidade educativa portuguesa.

Referimos o envolvimento dos países da Comunidade Europeia no combate ao Insucesso Escolar e apontámos medidas construtivas, no sentido da integração dos mais jovens no Sistema Escolar Português.

A nossa investigação teórica foi complementada com o lançamento de uma experiência prática (estudo de caso), da aplicação de inquéritos em quatro escolas, dirigidos a destinatários específicos nomeadamente:

- Encarregados de Educação;
- Alunos que ainda estudam;
- Alunos que já abandonaram a Escola.

Dos resultados obtidos foram extraídas ilações consideradas relevantes para a configuração da problemática do Insucesso e abandono escolar.

Palavras Chave: Escola, Escolaridade, Exclusão escolar, Insucesso, Desmotivação.

SUMMARY

On deciding to make research on the topic "School failure and precocious social exclusion" we intended to analyse some of the reasons that make this problem so serious in Portugal.

A short historical retrospective on the Portuguese scholarship led us to the situation of the educative community nowadays.

We got information on the European Community measures to fight school failure and have pointed out constructive measures as to integrate the youngest ones in the Portuguese School System.

Our theoretical research was supported by a practical experience - a study case - i.e. inquiries aiming at Students' Parents, Students attending school and Students who have already left school. The inquiries were addressed to these three specific groups in four schools.

The statistical study of the results led us to relevant conclusions on these questions.

Key Words: School, Scholarship, School exclusion, Failure, Lack of motivation.

ÍNDICE



Introdução.....	
Cap. I - Educação e Desenvolvimento Económico.....	10
Cap. II - Insucesso Escolar: Enquadramento	
II.1 - Insucesso Escolar: Conceitos e processo evolutivo histórico.....	14
II.2 - O insucesso escolar e a situação portuguesa.....	25
II.3 - O insucesso escolar na dimensão europeia.....	33
II.4 - A integração dos jovens no Sistema Escolar.....	37
Cap. III - Estudo de Caso	
III.1 - Algumas considerações metodológicas.....	50
III.2 - Análise dos resultados: Alunos	
III.2.1 - Caracterização da Amostra: Alunos.....	56
III.2.2 - Origem sócio-económica do Aluno.....	63
III.2.3 - Meio Envolvente.....	67
III.2.4 - Características da Escola.....	70
III.3 - Análise dos resultados: Encarregados de Educação	
III.3.1 - Caracterização da Amostra: Encarregados de Educação.....	77
III.3.2 - Origem sócio-económica dos Encarregados de Educação.....	80
III.3.3 - Meio Envolvente.....	83
III.3.4 - Características da Escola.....	86
Conclusões.....	90
Considerações Finais.....	94
Bibliografia.....	96
Anexo nº1 (Texto 90/C 27/01).....	100
Anexo nº2 (Inquérito Lançado aos Alunos que ainda estudam).....	102
Anexo nº3 (Inquérito Lançado aos Alunos que já abandonaram).....	106
Anexo nº4 (Inquérito Lançado aos Encarregados de Educação).....	110
Anexo nº5.....	113
Anexo nº6.....	127

Lista de Quadros

Quadro nº 1 - Distribuição dos Alunos inquiridos por Escola Frequentada.....	56
Quadro nº 2 - Distribuição dos Alunos inquiridos por Idade/Ano Lectivo.....	57
Quadro nº 3 - Distribuição dos Alunos inquiridos por Sexo.....	57
Quadro nº 4 - Distribuição dos Alunos inquiridos por diferentes tipos de horários....	58
Quadro nº 5 - Intenção de Continuar a Estudar.....	58
Quadro nº 6 - Intenções de prosseguir estudos na Escola actual.....	59
Quadro nº 7 - Motivos para mudar de Escola.....	59
Quadro nº 8 - Classificação média de cada aluno inquirido no ano lectivo transacto.	60
Quadro nº 9 - Reprovações.....	60
Quadro nº 10 - Taxa de reprovação por ano lectivo.....	61
Quadro nº 11- Ocupação dos Tempos Livres.....	62
Quadro nº 12 - Rendimento mensal líquido dos Pais.....	63
Quadro nº 13 - Nº de pessoas que compõem o agregado familiar.....	64
Quadro nº 14 - Habilitações Escolares dos Pais.....	64
Quadro nº 15 - Profissão dos Pais.....	65
Quadro nº 16 - Acompanhamento dos estudos pelos Encarregados de Educação/Pais.....	67
Quadro nº 17 - Comparência dos Encarregados de Educação/Pais às reuniões convocadas pelos Directores de Turma.....	68
Quadro nº 18 - Nº de alunos que recorrem a ajuda nos estudos.....	68
Quadro nº 19 - Quem ajuda a estudar os alunos inquiridos.....	69
Quadro nº 20 - Nº de alunos inquiridos que tem um local sossegado em casa para estudar.....	69
Quadro nº 21 - Classificação das razões que poderão motivar o abandono escolar...	70
Quadro nº 22- Caracterização da Escola.....	72
Quadro nº 23- Caracterização dos professores.....	74
Quadro nº 24- Utilidade dos empregados auxiliares na opinião dos alunos.....	75
Quadro nº 25 - Relação dos alunos inquiridos com os colegas.....	76
Quadro nº 26 - Distribuição dos Encarregados de Educação por grupos etários.....	77
Quadro nº 27 - Distribuição dos Encarregados de Educação por sexo.....	77
Quadro nº 28 - Relação de parentesco dos Encarregados de Educação com os alunos.....	78

Quadro nº 29 - Vive com o seu educando?.....	78
Quadro nº 30 - Desejos dos Encarregados de Educação relativamente ao prosseguimento de estudos dos seus educandos.....	79
Quadro nº 31 - Rendimento mensal líquido dos Encarregados de Educação.....	80
Quadro nº 32 - Habilitações Escolares dos Encarregados de Educação.....	81
Quadro nº 33 - Profissão dos Encarregados de Educação.....	82
Quadro nº 34 - Acompanhamento dos estudos dos educandos.....	83
Quadro nº 35 - Comparência às reuniões convocadas pelos Directores de Turma.....	83
Quadro nº 36 - Importância das reuniões convocadas pelos Directores de Turma....	84
Quadro nº 37 - Existência de um local sossegado em casa para o educando estudar.	84
Quadro nº 38 - Agregado familiar.....	85
Quadro nº 39 - Classificação das razões que poderão motivar o abandono escolar para os Encarregados de Educação.....	86
Quadro nº 40 - Caracterização da Escola do educando.....	87
Quadro nº 41 - Caracterização dos professores do educando.....	88
Quadro nº 42 - Utilidade dos empregados auxiliares na opinião dos Encarregados de Educação.....	89

AGRADECIMENTOS

Qualquer trabalho que envolva pesquisa, análise e tratamento de dados não pode, nem deve, ser feito isoladamente.

O presente trabalho foi fruto de muito esforço, de muito trabalho, muita dedicação, não quantificável unicamente pelo número de páginas ou pelos meses que necessitou para atingir o estado actual. Aos muitos amigos que me apoiaram durante esta cruzada que agora se conclui, quero exprimir os meus maiores agradecimentos.

Gostaria de demonstrar toda a minha gratidão a meus Pais, primeiros impulsionadores que me levaram a ingressar neste Curso. Seguidamente terei de agradecer a confiança, amizade e simpatia do Professor Doutor José Pereirinha que durante um ano lectivo, para além de Professor foi um grande Amigo estimulando e dando força nos momentos de desânimo. À Dra. Maria Emilia São Pedro, que através dos seus conhecimentos e da sua competência profissional, bem como pela sua incansável ajuda e coordenação me permitiu apresentar um trabalho que espero servir para ajudar para a melhor compreensão do problema. À Dr. Maria da Luz Duque que permitiu, através da sua total disponibilidade, que os inquéritos fossem lançados, numa primeira fase de teste, na escola onde lecciona, e numa segunda fase através dos seus contactos permitindo aceder a outra escola. Aos Conselhos Directivos das Escolas envolvidas (Secundária Josefa de Óbidos, B2+3 de Alfovelos, C+S de Ribamar e C+S Almeida Garrett), bem como aos professores, alunos e encarregados de educação que permitiram a existência de dados quantificáveis para trabalhar e analisar. À Dr. Zilda Mendes pela sua ajuda preciosa, tendo dispendido muitos fins de semana para que os dados pudessem ser tratados estatisticamente.

Por último gostaria de agradecer à minha Mulher pelo seu total apoio, nunca permitindo que desanimasse e/ou desistisse em alturas de maior pressão. Sem a sua compreensão ter-me-ia sido difícil concretizar este Projecto.



INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe-se identificar algumas razões que expliquem o afastamento das crianças da Instituição Escolar antes do termo da escolaridade obrigatória, e procura apelar à edificação de projectos educativos menos falíveis nesta área.

Assim, o presente trabalho encontra-se dividido em duas parte, sendo a primeira de índole teórica, na qual se faz um breve levantamento de conceitos, estudos já realizados e conclusões sustentadas (Capítulos I e II), e a segunda um Estudo de Caso, com o qual pretendemos aferir "*in loco*" quais as principais causas que todos os anos afastam muitas crianças da Escola (Capítulo III). É nosso objectivo delinear o panorama do *Abandono Escolar Prematuro*, determinar as suas principais razões apoiando as nossas conclusões num Estudo de Caso a ser aplicado em quatro Escolas em que iremos questionar alunos de 6º, 7º e 8º ano do Ensino Público, respectivos pais/encarregados de educação, bem como alunos que tenham abandonado prematuramente a escola e que tenham ingressado precocemente no mercado de trabalho.

Era nossa intenção inquirir, nas escolas seleccionadas, os alunos que ainda estudam, seus encarregados de educação e alunos que abandonaram a escola antes de finalizarem a escolaridade obrigatória. Contudo, apesar de variados esforços, não nos foi possível obter as respostas dos alunos que já abandonaram a escola em virtude destes não terem enviado as respostas para as escolas.

As políticas definidas, objectiva e pragmaticamente, por muitos países, privilegiam o incremento económico, procurando reduzir a *"praga social"* do desemprego e fazer crescer o bem estar social das populações até níveis comparáveis aos atingidos pelos países desenvolvidos. Contudo os governos degladiam-se com uma multiplicidade de carências, das quais há a salientar as bolsas de pobreza existentes e que constituem a sua preocupação prioritária.

Perante a dificuldade em obter níveis de crescimento minimamente satisfatórios, alguns economistas, ao tentar compreender a complexidade do processo de crescimento detiveram-se especialmente em alguns factores como o investimento em stock de capital, o papel do progresso técnico e as mudanças de dimensão e qualidade da força de trabalho, isto é, dotação dos recursos humanos de formação escolar e profissional.

A educação contribui, indubitavelmente, para o crescimento económico uma vez que é ela que possui a capacidade de aumentar a produtividade da mão de obra existente.

Um dos economistas pioneiros a preocupar-se com a contribuição da educação para o crescimento económico foi Denison, que usou o conceito de função de produção com a finalidade de identificar o impacto dos diferentes factores de produção para o aumento da produção nacional.

Nos seus trabalhos preliminares desenvolvidos para os Estados Unidos, ficou demonstrado a existência de um factor residual, para além do trabalho e do capital, explicativo do aumento de produção. Ao analisar as componentes do factor residual, Denison, concluiu que a melhoria do nível educativo da mão de obra americana, contribuiu em cerca de 23% para a taxa anual de crescimento do PIB dos EUA entre 1930 e 1960.

Denison (1967, 1979) desenvolveu para determinados períodos de tempo, diversos trabalhos para estimar a contribuição da educação no crescimento da produção (no crescimento económico). Globalmente, o trabalho e o capital explicam cerca de 60% do crescimento global da produção, sendo os restantes 40% explicados por variações no factor produtividade.

Ficou assim provado, segundo este autor, que a educação contribui efectivamente para o crescimento económico, sendo, todavia, muito difícil isolar a contribuição da educação relativamente a outros factores.

Ao contribuir para o crescimento económico, através do aumento do P.N.B., a educação irá igualmente repercutir-se positivamente nos salários, incentivando os indivíduos a permanecer mais tempo na escola em detrimento duma contrapartida salarial imediata. Estamos na presença de um investimento que o indivíduo faz em si próprio em que o custo inicial são os custos que tem com a educação e o retorno são os ordenados mais elevados que irá auferir por cada ano a mais de estudo.

Aparece assim um novo conceito relacionado com o facto de considerarmos a educação como um investimento do indivíduo em si próprio, que é o conceito de “capital humano”. Já Adam Smith defendia a ideia de que a educação aumentava a capacidade produtiva dos indivíduos, do mesmo modo que as outras componentes do capital fixo ligadas à produção.

Outros estudiosos da área económica desenvolveram igualmente o conceito de capital humano tal como Theodore Schultz (1961), Gary Becker (1964) com o seu livro “Human Capital”, entre outros.

Teoricamente as pessoas investem em educação até ao ponto onde os seus retornos, em termos de rendimentos extra, igualam os custos suportados por uma educação superior, incluindo os rendimentos perdidos durante a aquisição da educação.

Estes retornos dividem-se entre privados e sociais, sendo que nos primeiros o único custo, que está sob avaliação, é o custo de oportunidade da permanência na escola (custos indirectos). No caso do retorno social temos ainda de considerar os custos directos com a educação

Psacharopoulos (1981) efectuou uma análise comparativa entre países com diferentes estádios de desenvolvimento, segundo os vários níveis de ensino, tendo concluído que o impacto da educação sobre o crescimento económico depende do nível de desenvolvimento da economia e da mão de obra existente no país em determinada época.

A questão do **Abandono Escolar Prematuro** de que nos ocupamos neste trabalho, ainda praticado em Portugal, é inquietantemente questionado pelas instituições educativas responsáveis, porque priva alguma força de trabalho das competências humanas e profissionais que o mercado de trabalho exige hoje. Na sociedade Portuguesa rural tradicional, a educação formal é um *“luxo de classes em ascensão ou já chegadas ao topo da estrutura social”*. A estrutura económica de algumas famílias bem como a sua dimensão, não permite o desperdício de braços de trabalho que podem contribuir para a economia familiar.

Com a extensão da escolaridade mínima obrigatória dos 6 para os 9 anos, algumas famílias vêm-se incapazes de produzir o rendimento suficiente para garantir a sua subsistência pelo que os jovens abandonam prematuramente a escola ficando sujeitos a empregos precários e mal remunerados, numa sociedade que tendencialmente exige cada vez maior preparação escolar para o desempenho eficaz das tarefas produtivas mais inovadoras ou das que se podem chamar de enquadramento social, umas e outras próprias da sociedade pós-industrial.

Sendo o fenómeno do abandono escolar prematuro uma variante do insucesso individual, as nações europeias da Comunidade, assinaram em 14 de Dezembro de 1989 a Resolução do Conselho e dos Ministros da Educação reunidos no seio do Conselho, relativamente à luta contra o insucesso escolar, o texto 90/C 27/01 que transcrevemos em anexo (Vidé Anexo nº 1).

II - Insucesso Escolar: Enquadramento

II.1 - Insucesso Escolar: Conceitos e processo evolutivo histórico

A Escola, antiga no tempo e institucionalmente detentora de funções de transmissão de saber e de formação de elites, defronta-se na actualidade com o fenómeno de massificação, porque a ela acorre um público social, económica e culturalmente heterogéneo. Esta massificação, desejável porque é garante da acessibilidade de todos os cidadãos à literacia, é também, de algum modo, causa do fenómeno de *Insucesso Escolar*, por falta de resposta dos próprios sistemas educativos.

Assiste-se hoje a um grande desinteresse por parte dos jovens na escola, que se manifesta num elevado absentismo às aulas, aproveitamento baixo, patente nas elevadas taxas de reprovação e abandono prematuro da escola e a consequente entrada precoce no mercado de trabalho. A este fenómeno preocupante para todos e a que os sucessivos governos tentam pôr um fim denominou-se de *Insucesso Escolar*.

Institucionalmente, este fenómeno exprime-se por repetência e abandono prematuro do sistema educativo e comportamentalmente ilustra, por vezes, fenómenos de inadaptação tais como dificuldades de aprendizagem e desvios de comportamento.

Insucesso Escolar é, afinal, um fenómeno relacional que envolve factores de natureza política, cultural, institucional, sociopedagógica e psicopedagógica, tem a ver com as relações que a escola estabelece com os alunos que vêm de meios mais afastados dos saberes letrados, tem a ver com as dificuldades que a escola, baseada numa igualdade formal e numa suposta neutralidade, tem em se relacionar com os alunos social e culturalmente diversos.

Essas relações vão desde a rede escolar, desigual no país, aos critérios social e culturalmente dominantes na escola, das normas e dos comportamentos esperados e exigidos até às práticas escolares e pedagógicas que nela se desenvolvem.

Analisar o tema do *Abandono Escolar Prematuro* na Escola Portuguesa é matéria complexa, mas suficientemente ilustrativa dos problemas contidos em sistemas educativos sucessivos que nem sempre têm servido da melhor maneira os interesses dos aprendentes.

As reformas constroem-se, com base no saber de técnicos do ensino, empreendedores e desejosos de repor uma certa harmonização nos resultados das escolaridades em vigor. Equipas que congregam técnicos com qualificações nas diversas áreas Científicas e ainda nas Ciências da Psicologia, Pedagogia, Didácticas Específicas dedicam inúmeras horas à planificação de Projectos de Novas Reformas, mas a verdade é que o *Jovem* sujeito à perenidade e celeridade dos tempos modernos, muda rapidamente de perfil e quando é confrontado no banco da Escola com novos conteúdos, estes organizados há já alguns anos para um determinado jovem, reagem não com entusiasmo, mas com indiferença ou até com alguma sobrançeria.

Apesar de actualmente a escolaridade obrigatória ser de nove anos, muitas crianças abandonam o ensino antes de perfazer o mínimo obrigatório, entrando precocemente no mercado de trabalho.

Alguns esforços têm sido feitos no sentido de minorar este problema, contudo muito há ainda a fazer num país em que as assimetrias económicas dos agregados familiares são muitas e onde, em muitíssimos casos, se põe não a questão de mais ou menos conforto, mas a simples questão de sobrevivência.

O problema do *Abandono Escolar Prematuro* mobiliza hoje os esforços de muitos países desenvolvidos, mormente da própria Comunidade Europeia, consensual na

perspectivação de medidas que erradiquem, ou pelo menos, minimizem consideravelmente os efeitos de *Insucesso Escolar*.

A insuficiente preparação escolar resultante da desigualdade originada pelos que são vítimas do *Insucesso Escolar* ou do *Abandono Escolar Prematuro* pode contribuir para o aparecimento de problemas sociais graves, porque o potencial de desenvolvimento duma sociedade não depende única e exclusivamente de quem lidera, mas das capacidades e conhecimentos de todos os seus membros.

No limiar do século XXI face à aceleração da tecnologia, coloca-se às políticas educativas o repto de qualitativamente munirem os cidadãos de competências, capacidades e saberes mais actuais. É a consagração da profissionalização/formação e o fim absoluto do amadorismo profissional.

Analisar o problema do abandono escolar precoce conduz-nos à inevitabilidade de nos confrontarmos com a problemática da igualdade no sucesso escolar.

A expressão “Sucesso Escolar” é entendida, em termos estritamente escolares, como o bom resultado do aluno, certificado pela escola, sendo quantificável pelos reduzidos valores de taxas de repetência e de atrasos escolares. Formalmente todas as crianças e jovens dispõem de condições iguais no acesso à escola. Iniciado, porém, o trajecto/corrida escolar, a passada/ritmo de cada um diverge e a meta nem sempre é atingida. Já George Orwell na sua obra metafórica “Animal Farm” afirma que “All animals are equal, but some are more equal than others”. As diferenças pessoais e sociais, possibilitam, naturalmente, percursos distintos, sendo importante que se tomem medidas que possam minimizar estas situações menos desejáveis.

A institucionalização da escolaridade obrigatória nos países Europeus foi a consumação de um ideal democrático, que, conceptualmente, correspondia ao desejo de

viabilizar a todos os cidadãos um trajecto escolar mínimo comum, capaz de ser garante de qualidade do futuro individual e colectivo.

Baseava-se ainda a formalização da escolaridade obrigatória no princípio de que progresso e sucesso derivam da alfabetização, porque iliteracia e ignorância não se compatibilizam com a actual sociedade.

Estudos sobre a Educação fazem-nos já reencontrar o ideal de igualdade entre os homens da Antiguidade, de que é modelo a democracia Ateniense e os projectos de igualdade pregados por diversas comunidades cristãs primitivas.

O período medieval, marcado por assinalável misticismo, busca a igualdade na morte, já que todos os homens seriam filhos de Deus.

A Revolução Francesa consagra juridicamente a igualdade dos homens e já no fim do século passado a Igreja Católica elaborou a sua doutrina social.

A Revolução Industrial vem contribuir com a divulgação da igualização e uniformização de hábitos sociais, possibilitando o acesso dos cidadãos aos bens de consumo e uniformizando valores e modos de pensar.

A persistência das ideias modernas de igualdade reflectiram-se, obviamente, na educação. É disso exemplo expressivo a difusão da escolaridade primária nos fins do século XVIII e inícios do século XIX.

A I Grande Guerra destrói as sociedades rigidamente estratificadas e dá origem à proliferação de partidos políticos que contemplam, com grande ênfase, nos seus programas medidas igualitárias a nível económico e social.

Depois da II Guerra Mundial surge a necessidade de mão de obra qualificada, pelo que partidos defensores de maior igualdade social, vêm exigir o alargamento da escolaridade. Assim nasce o alargamento gradual do período obrigatório de escolaridade.

Todavia, no início deste século (1904), em França, o insucesso escolar atinge valores muito elevados e o Ministério da Educação confia a A. Binet a tarefa de analisar o problema do insucesso escolar, a fim de reestruturar o sistema de ensino então vigente.

O interesse por esta questão fez aparecer em cena autores interessados em contribuir para a explicação dos “desaires” verificados, sendo no entanto, diversa a natureza dos trabalhos que surgem nesta matéria. Os pedagogos sublinham a vertente pedagógica e surgem modelos educativos alternativos.

Os sociólogos fazem decorrer o insucesso escolar da inserção sociológica dos alunos, penalizados pelo meio ambiente de origem.

Na actualidade, podem-se assinalar, entre outros, três posicionamentos teóricos (modelo meritocrático, modelo ambiental e modelo cultural) de interpretação do insucesso escolar.

1. Modelo Meritocrático

Psicólogos como Jensen e Eysenk desenvolveram teorias redutoras e radicais, sustentando que o sucesso escolar provém da maior ou menor capacidade cognitiva dos alunos, a qual por sua vez é produto do seu padrão hereditário.

A determinação do Q.I.(coeficiente de inteligência) através dos testes de inteligência apenas comprova a relação do indivíduo com a classe social ou grupo étnico de que provém.

Actualmente, estas posições radicalizadas têm sido objecto de forte contestação porque o que interessa são as potencialidades inatas e não as capacidades. Por outro lado, as capacidades não são apenas do domínio cognitivo. No mesmo aluno podem ocorrer tipos diferentes de aptidões - verbal, musical, numérica, espacial, etc.

O modelo meritocrático sugere assim a relação e orientação vocacional, como etapa para a redução do problema do insucesso escolar.

2. Modelo Ambiental

O modelo ambiental contrapõe à supremacia da hereditariedade a importância da experiência do indivíduo, fruto do meio socio-económico em que foi criado.

Já em 1984 Zazzo se referia à assimetria dos resultados das crianças filhos de operários e de filhos de famílias culturalmente favorecidas; estas últimas ostentando sempre superioridade no seu nível intelectual. O peso da hereditariedade é substituído pelo da experiência vivida pelo aluno. Assim, o jovem criado num meio de adaptação favorável, responderá pela experiência adquirida e não pelo meio de origem.

Para a experiência do jovem irão contribuir decisivamente a estimulação, na primeira infância, exercida pela mãe, bem como as diferentes práticas educativas exercidas em família. Nos meios socio-económicos mais desfavorecidos impera uma certa rigidez primitiva e autoritária.

Na década de 60 surgem, na área da Sociolinguística, estudos de grande significado para a compreensão da questão do insucesso escolar. O britânico Basil Bernstein, após o estudo de crianças pertencentes a meios mais carenciados e crianças pertencentes a meios sociais diferenciados, constatou que nos primeiros imperava, em casa, uma linguagem linguisticamente pobre, que denominou de “código restrito” enquanto que nos segundos prevalecia, a nível linguístico, o “código alargado”, caracterizado pela utilização de léxico e formas sintácticas complexas. Desta análise Bernstein concluiu que é dominante a influência da linguagem sobre o pensamento, pelo que estaria, assim, determinada a causa da superioridade intelectual revelada pelas

crianças provenientes de meios sociais mais elevados. Os “deficits” cognitivos das crianças pobres teria, nesta perspectiva, carácter cumulativo ao longo dos anos.

O irlandês Martin reforça a teoria da diferenciação de crianças oriundas de grupos sociais diferentes, embora restringindo-as apenas a conteúdos ligados à linguagem, nomeadamente a leitura e a compreensão de linguagem. As provas de raciocínio não verbal e matemático, embora inferiores às das crianças das classes superiores, não denotam, segundo este autor, um aumento desta diferença com a idade.

O sucesso académico é, pois, determinado pelo ambiente em que decorreu o desenvolvimento da criança. São condicionantes da melhoria do sucesso escolar as condições socio-económicas da criança, isto é, a garantia de condições de vida mínimas, como sejam o direito a habitação condigna, alimentação e vestuário adequados, assistência na saúde, etc. Só num ambiente onde estejam asseguradas estas condições mínimas se poderá dar à criança o enquadramento familiar desejável que passa pelo seu acompanhamento e pela estimulação precoce.

3. Modelo Cultural

Os defensores do “modelo cultural” relevam o papel do sistema social e do sistema político na gestão das matérias pedagógicas.

O poder ou os grupos dominantes fazem prevalecer, coercivamente, os seus padrões, interesses e valores, porque se trata de manter a imagem de “**establishment**”, ignorando-se, de todo, os grupos sociais ou étnicos diferentes.

Bourdieu e Passeron, afirmam a este propósito, o seguinte:

“Toda a acção pedagógica é objectivamente uma violência simbólica, enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbítrio cultural (...). Todo o sistema de ensino institucionalizado deve as características específicas da sua

estrutura e do seu funcionamento ao facto de que precisa de produzir e reproduzir, pelos seus próprios meios da instituição, as condições institucionais cuja existência e persistência são necessários tanto ao exercício da sua função própria da inculcação, como à realização da sua função de reprodução dum arbítrio cultural de que ele não é o produtor (reprodução cultural) e cuja reprodução contribui para a reprodução entre os grupos ou as classes (reprodução social)”¹

Labov (1967) descreve uma situação de crianças de meios carenciados entrevistadas por um adulto de classe média. O desequilíbrio de linguagem e de conceitos dos interlocutores traduz-se em desvantagem para as crianças. Mas quando a entrevista decorre entre interlocutores da mesma raça e origem social, conclui Labov que:

“O nosso trabalho revela manifestamente que, em muitos aspectos, os locutores de classes populares narram, raciocinam e discutem melhor de que muitos interlocutores de classe média, que temporalizam, qualificam e perdem os seus argumentos numa massa de detalhes irrelevantes.”²

No caso de minorias étnicas, o sucesso escolar passaria necessariamente pela aquisição de bilinguismo, salientando Labov que o código linguístico de origem das crianças é tão legítimo como o da língua do país, que os acolheu.

A persistência e alguma obstinação em adoptar reformas educativas ditadas pelos governos, traduzem-se na adopção de curricula e de práticas pedagógicas elaboradas pelos códigos dos grupos dominantes e pelo posicionamento dos próprios agentes de

¹ Bourdieu e Passeron, 1970, pag.81

² Labov, 1973, citado por Pereira e Martins, 1978

ensino, uns e outros pouco permeáveis às diferenças e apenas interessados na “reprodução” de modelos pré-concebidos.

Ao nível empírico, a predição da resposta escolar das crianças tem sido díspar e nem sempre os pontos de vista coexistem, consoante a investigação tenha sido desenvolvida por psicólogos, sociólogos, linguistas, pedagogos ou outros, com formação científica diversificada e com diferente delineação de objectivos. Podemos caracterizar três tendências empíricas distintas na predição da resposta escolar das crianças: os estudos psicológicos, os estudos sociológico e os estudos psicossociológicos.

Assim, enquanto os psicólogos sublinham os mecanismos e processos psíquicos da criança, os sociólogos focalizam a influência do meio-social e os pedagogos analisam os factores em contexto de aprendizagem. Uns e outros procedem a análises científicas meritórias mas parcelares. Do conjunto de esforços de investigação de todas estas áreas é que poderá eventualmente surgir uma reflexão que de algum modo viabilize o bom aproveitamento escolar das crianças, contribuindo para uma vivência feliz. A criança eternamente condenada ao fracasso, inicia o seu trajecto de vida como “perdedora”. Há que dar-lhe os meios para singrar.

1. Estudos psicológicos

O estudo das capacidades intelectuais e da personalidade dos jovens determina, segundo os psicólogos, a resposta escolar.

Duma série de estudos sobre o poder preditivo das variáveis de personalidade e o desempenho académico das crianças, levada a cabo por Cattell e Kline, há duas décadas, foram sumariadas as seguintes conclusões:

- a) A inteligência é mais decisiva do que os factores de personalidade para a previsão do rendimento académico das crianças;

- b) Algumas variáveis de personalidade poderão ser poderosos auxiliares do sucesso académico, conforme o nível etário, sendo que a extroversão parece facilitar o sucesso escolar nas crianças do ensino primário, enquanto que a introversão parece privilegiar, neste campo, os alunos de níveis superiores;
- c) Os conceitos de auto-estima e de responsabilidade são igualmente contemplados pelos psicólogos, que consideram positiva a motivação pessoal para o sucesso (need for achievement).

Desta breve panorâmica de ordem psicológica se poderá concluir que as capacidades intelectuais são consideradas importantes, mas fortalecidas quando aliadas a determinadas variáveis de personalidade.

2. Estudos sociológicos e psicossociológicos

É nas variáveis de índole sociológica que radicam as técnicas de previsão do insucesso escolar. As variáveis directamente relacionadas com o fenómeno do bom aproveitamento escolar são a constituição da célula familiar (nº de irmãos), nível de instrução e estatuto socio-económico dos pais.

Na área de estudos psicossociológicos de predição do rendimento académico das crianças são relevantes os mecanismos inter-pessoais que envolvem o sujeito, tais como variáveis externas e variáveis internas. Contam-se entre as primeiras, por exemplo, as expectativas dos pais, mais concretamente o que esperam do filho quanto à escolaridade e nas segundas a forma como a própria criança se situa no seu ambiente.

As conclusões emanadas da análise dos factores com origem psicossocial não são decisivas, porque as variáveis estudadas não são fixas. São, no entanto, de considerar algumas variáveis preditoras, como sejam:

- a) A maior ou menor aceitação da criança na turma determina o grau de rendimento escolar (Roff, Sells e Golden, 1972, citado por Hatup, 1983, pag 135). O estatuto sociométrico no grupo escolar é impulsionador do sucesso escolar;
- b) A auto-estima determina melhor rendimento escolar (Espinar, 1982);
- c) Assumir o insucesso escolar é diferente nos alunos de maior rendimento escolar e menor rendimento escolar. Assim os primeiros atribuem uma avaliação fraca a causas internas, como falta de trabalho, falta de concentração, etc, Os alunos com menor aproveitamento escolar projectam em causas externas a sua avaliação medíocre, como eventualmente dificuldades da matéria, excessiva exigência dos professores.

II.2 - O insucesso escolar e a situação portuguesa

O ensino primário em Portugal foi estabelecido em 1772 pelo Marquês de Pombal e a obrigatoriedade da sua frequência foi estabelecida em 1835, por legislação que não chegou a ser aplicada, sendo retomada após a revolução de Setembro em 1836, com o estabelecimento de uma escolaridade de 4 anos que foi prolongada para 6 anos em 1964. Em 1844, instituíram-se as penas para os pais que não cumprissem o dever de enviar os filhos às “escolas de instrução primária”.

A partir de 1970 a Reforma Veiga Simão, de cariz humanístico, lança as bases da escolaridade obrigatória e de forma inédita para a época, politicamente subjugada pelo regime salazarista, se divulgam objectivos de democratizar o ensino, alargando-o, pelo menos teoricamente, a outras classes sociais que não só às “elites”. A Reforma Veiga Simão sublinha ainda a necessidade de elevar o nível educacional dos portugueses com a “batalha de educação”. O 25 de Abril de 1974 virá a alterar o curso desta Reforma.

A temática das desigualdades em Portugal é amplamente reflectida e discutida na década de 70, mormente após o 25 de Abril de 1974. Pedagogos e educadores estudam os vários graus de ensino (primário e secundário), este último repartido por Liceus e Escolas Técnicas e na década de 80 surgem publicações várias sobre o ensino primário - Ana Benavente, A. Pinto Correia, 1981, C. A. Pinto, 1986, J. Formosinho, 1987, sobre o ensino secundário, estudos importantes, mas que são contribuições sectoriais por falta de investigação ou de centro de dados nacionais disponíveis. Para todos é preocupante o problema do “insucesso escolar”, tendo sido os trabalhos realizados, em alguns casos, em comunidades escolares específicas, para a detecção de alguns aspectos flagrantes do “desaire” escolar e limitando-se a trabalhos descritivos, com abordagem socio-institucional.

A década de 90 produz o Programa de Educação para Todos - Acesso com Sucesso, que se propõe garantir a escolaridade obrigatória de nove anos e atingir no ano 2000 uma taxa de escolarização da população dos 12 anos aos 18 anos, de cerca de 90%.

Mas falar em igualdade de condições de entrada e saída da Escolaridade é academicamente interessante, mas altamente polémico quando se tenta, com realismo, não ignorar factores, que à partida condicionam o êxito dos alunos. Está neste caso incluído o problema das assimetrias regionais, originadas pela localização geográfica das regiões, pela precaridade de acessos materiais e de recursos humanos.

Abandono escolar ou desistência significa, como definido anteriormente, que um aluno deixa a escola antes de concluir o grau de ensino que frequentava, quer seja durante o ano lectivo, quer no final do ano lectivo.

A escolaridade obrigatória constitucionalmente consagrada como um direito de todo o cidadão, é só, na aparência, democrática, porque contempla alguns, não todos, e estes últimos, são confrontados com a penalização da exclusão. As causas são múltiplas e não se circunscrevem apenas à Escola, mas também passam para fora dos muros da Escola. O Sistema Escolar define parâmetros iguais para todos os seus utentes, quando se sabe que à partida os alunos são portadores de saberes empíricos e de conhecimentos científicos muito díspares.

A falta de aproveitamento que conduz à reprovação e ao fenómeno da repetência, provoca o fenómeno da marginalização do aluno pela Escola, que a partir desse momento, o rotula e, por vezes, o coloca junto de seus “pares”, quando são criadas aberrantemente “turmas de repetentes”. Esta situação gerará um verdadeiro ciclo vicioso, difícil de desfazer e que fará da ida à Escola, a obrigação penosa e a exclusão do prazer de aprender mais.

Dificuldades de ordem relacional opõem os alunos repetentes ao meio escolar. Com níveis etários superiores à média, forçados a uma “certa infantilização”, que vai desde as carteiras onde se acomodam com desconforto, à modernidade/utilidade das matérias leccionadas, tudo parece afastar estes alunos de uma sala de aula, onde colegas e até professores nem sempre seduzem pelo seu comportamento. Os colegas mais novos nem sempre se aproximam dos mais velhos, alguns professores gerem, com a mesma rigidez, matérias, interesses e até atitudes. Surgem, naturalmente, nestes alunos o tédio e o interesse por outras actividades.

Paralelamente a este quadro de desencanto e na impossibilidade de progredir, alunos com fraco rendimento escolar, sentem, por vezes, o peso da responsabilidade de obviar as dificuldades financeiras do seu agregado familiar e, nesse caso, optam, sem delongas, por começar a trabalhar. A perspectiva do “handicap socio-cultural” é também compreensível, já que, se por um lado não existem sanções para o não cumprimento da escolaridade obrigatória, por outro é pelo trabalho que se regenera a auto-estima.

O fenómeno do abandono escolar que pode ocorrer durante o ano lectivo ou no final do mesmo, bem como o insucesso escolar têm vindo a ser abordado em função de factores exógenos, como sejam enquadramento económico, classe social do aluno, formas de cultura, etc, e de factores endógenos, circunscritos à instituição escolar, designadamente o número de alunos por turma, papel do professor, expectativas, etc.

Se quisermos caracterizar o aluno em potencial risco de abandono escolar, vamos verificar que ele provém, na maior parte dos casos, das zonas urbanas limitrofes e das áreas rurais umas e outras oferecendo aos jovens dificuldades de acessibilidade e ausência de estímulos culturais como sejam bibliotecas, museus, salas de espectáculos, etc. As famílias que habitam as zonas citadas são, na sua grande maioria, trabalhadores

agricolas, artesãos, operários e comunidades étnicas emigrantes, e, na sua generalidades, são economicamente carenciados, pelo que não apoiam ou ajudam os seus educandos.

Outros indicadores de casos de abandono residem no Espaço-Escola, onde falham os papeis dos actores sociais intervenientes no processo - os professores, pela sua falta de apoio, a ausência de empatia professores-alunos, alunos-professores, a ausência de entreajuda aluno-aluno, ausência de empatia aluno-pessoal auxiliar e vice-versa. O recrutamento maciço de professores com reduzida preparação tem contribuído para a degradação da própria relação pedagógica.

O perfil do aluno em risco demonstra que este tem um considerável atraso escolar, rejeita a Escola e as matérias, é mais velho do que os colegas de turma e ambiciona ir trabalhar.

A Escola revela, em síntese, o fracasso, quando não consegue, pelos conteúdos e práticas, servir a diversidade de quem a frequenta hoje.

O abandono escolar tem consequências funestas para qualquer país. O défice da instrução acompanhará o jovem pela sua vida fora, tornando-o num ser inseguro das suas capacidades, fragilizando-o gravosamente.

Ao falar de democratização da escola não se deve apenas considerar o tempo de escolaridade, mas principalmente o resultado dessa escolaridade, traduzida em qualidade e eficácia. A iliteracia comporta a desclassificação social, em termos individuais e, ao atingir taxas elevadas atinge o tecido social, na sua componente económica, cultural e cívica.

O fenómeno do abandono escolar assume, em Portugal, características sérias, na medida em que o abandono é verificável em todos os anos de escolaridade obrigatória e verifica-se tanto durante o ano como no fim do ano. Ele representa, um indicador de selectividade e exclusão do sistema educativo, que não só padroniza rigidamente

objectivos, como ignora a diferença de capacidade e a diversidade de interesses dos alunos. Igualmente ignora a proveniência dos jovens de zonas urbanas litorais ou interiores. Por mais incrível que pareça, ainda hoje, no limiar do século XXI, crianças habitando zonas montanhosas retiradas dos grandes centros urbanos, nunca tiveram a oportunidade de ver o mar. Para todos é, porém, imposto um programa igual, que virá a ser, necessariamente, entendido e assimilado de forma diferente.

O abandono escolar em Portugal não tem sido fácil de controlar, porque não só é incontrolável a fuga à matrícula inicial, desde que deixou de ser feito o recenseamento escolar, criado em 1952 (D.L. n.º 38969-J. Antunes, 1989), como não há sanções para as famílias dos alunos que abandonaram a escolaridade obrigatória antes da idade em que, legalmente o podem fazer.

O trabalho infantil e o desequilíbrio da rede escolar aparecem ainda como factores pertinentes de abandono escolar em Portugal.

O interesse oficial pelo tema abandono escolar tem sido pouco consistente e, em geral, centrado nas famílias, nos alunos, nas escolas e nas suas inter-relações.

O recente interesse teórico posto pelo Ministério da Educação numa certa autonomia escolar, criativa e aproveitadora de oportunidades específicas, vem trazer para a cena educativa outros protagonistas indirectos, mas de óbvia relevância na vida educativa local. São eles funcionários (professores e pessoal auxiliar), familiares de alunos e de professores, autarcas, empresários, colectividades e personalidades várias.

Todos os intervenientes referidos, são indispensáveis, não para resolver as insuficiências dos sistemas educativos, mas para terem presença e participação no processo educativo. Eles representam importantes dimensões da vida social. Ao mobilizarem-se, eles podem oferecer não só recursos materiais (espaços, financiamentos, mão de obra) como recursos culturais (bibliotecas, mediatecas, actividades culturais)

como focalizar as atenções públicas e privadas, oficiais e informais, de outros cenários capazes de motivar e até captar alunos, em desvantagem escolar e para quem a escola-instituição pouco oferece.

As famílias, chamadas à Escola, em situações, quase sempre, de urgência, não têm sido chamadas a um papel de colaboradores, também para elas e para a Escola, enriquecedor. Seria útil que o grau de participação das famílias na Escola, fosse analisado por outros indicadores, mormente o da intervenção na dinâmica escolar. A iniciativa dos pais em coordenação com a(s) iniciativa(s) escolar(es), criaria uma confiança generalizada daqueles na Escola e seus profissionais, ensinaria os pais a aderir à mudança na Escola e estes passariam a ter, não só uma acção distanciada e conhecedora e consciente do trabalho dos professores, mas constituiria uma mais-valia de experiência e de outros conhecimentos. Por vezes é a representação negativa que os pais têm da escola que mais depressa arrasta os filhos ao abandono precoce ou ao insucesso escolar.

A relação Família-Escola deverá ser repensada à luz de orientações e atitudes do Homem Novo que as ciências como a Antropologia, a Psicologia Social e a Sociologia se esforçam por relevar.

São, de certo modo, inconscientemente negativas as expectativas dos professores relativamente aos alunos com dificuldades de aprendizagem e integração escolar, oriundos de meios sócio-económicos precários. As famílias dos jovens que abandonaram a escolaridade obrigatória, revelam-se distanciadas do universo escolar e resignadas em relação ao veredicto escolar.

A nível regional e mais restritamente, concelhio, é notável o esforço realizado por algumas autarquias locais e desejável que muitas outras, espalhadas pelo país, venham a desenvolver: contactos com os Centros de decisão de forma a garantir melhores acessos,

convite à participação dos próprios professores na vida local, criação de cantinas, de ginásios, aquisição de materiais didácticos. Neste sentido já algo se tem vindo a realizar, isto é, professores de algumas áreas, especificamente História, têm aquiescido em fazer das suas matérias “aulas vivas”, de evocação histórica. Reportamo-nos ao exemplo da Cidade de Viseu em que, no adro da Sé, tem sido reproduzido o cenário de feiras medievais, com o rigor dos trajes e de mercadorias. A elas tem ocorrido com muito entusiasmo o povo da cidade e muitos forasteiros.

Igualmente em Leiria se assistiu a um espectáculo público de reconstituição histórica. Muitos outros estarão, decerto, em projecto.

A escolarização dos jovens provenientes de meios rurais é dificultada pelos próprios processos quotidianos de aprendizagem nesses meios. A aprendizagem é baseada na transmissão oral dos saberes e é de ordem prática, com base na observação e experimentação empírica. Ao chegar à Escola esse aluno é enfrentado com um tipo único de aprendizagem baseado no método científico e na linguagem escrita. A oralidade e o “ouvido” terão de ser substituídos pela memorização e pelo raciocínio lógico-abstracto.

A Escola, Economia e Mercado interligam-se. Frequentar a escola significa assegurar que o jovem usufrua do processo de socialização para a entrada no mercado de trabalho. Hierarquia, disciplina, horários, cumprimento de tarefas, a relação com o Outro, são aprendizagens que se processam nos bancos da escola.

Por outro lado, a Escola fornece as competências técnicas e imprescindíveis ao mercado de trabalho. Dramaticamente os jovens rurais não podem aplicar no seu meio saberes adquiridos. Procuram, assim, as cidades, contribuindo para o despovoamento das zonas rurais.

O fenómeno do abandono escolar não é, em si, linear, porque pressupõe ambiguidades a nível da Escola, da Família e da Sociedade.

As políticas sociais da educação tentam reter o jovem e impedi-lo de aceder ao mundo do trabalho por um período determinado de anos, mas por outro lado excluem o aluno portador de culturas não letradas.

A família, impondo determinados modelos de socialização, exige aos jovens, o contributo financeiro, motivando-os a aceder ao mercado de trabalho, mas as comunidades exigem dos jovens competências profissionais, adquiridas na Escola, mais competitivas. Esta inter-relação é conflitual e difícil de satisfazer, pela sua complexidade.

II.3 - O insucesso escolar na dimensão europeia



A institucionalização da escolaridade obrigatória nos países Europeus é a consumação de um ideal democrático por muitos partilhado e que conceptualmente corresponde ao desejo de assegurar a todos os cidadãos a escolaridade mínima comum.

De 1982 a 1986 é lançado pelo centro de investigação e inovação em educação da OCDE um Projecto internacional sobre a melhoria do funcionamento da Escola (ISIP) que reuniu 14 (catorze) países (Austrália, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Estados Unidos, França, Itália, Japão, Noruega, Países Baixos, Reino Unido, R.F.A., Suécia e Suíça).

Os países intervenientes gizaram estratégias de trabalho exaustivas sobre problemas concretos da Escola de então, como espaço de reflexão inserido numa comunidade com vida própria.

Os estudos realizados ajudaram a compreender a complexidade da Escola e do seu trabalho e focalizaram a importância da Direcção e Docentes da Escola, a necessidade de tornar a Escola, não num espaço estanque, mas em ligação com o exterior, o apoio e colaboração da Família, etc. Ficou também provada, como positiva, a autonomia da escola na formação do seu perfil e da sua actuação.

A consciencialização, por parte das hierarquias políticas e educativas, do grave problema do insucesso escolar, permitiu acções de intervenção nesta área e tornou claro que medidas dispersas e isoladas pouco auxiliarão no combate dos défices escolares, já detectados em inúmeras escolas. É necessário reunir esforços para atingir algumas "frentes".

Conscientes da necessidade de intervir no combate ao insucesso escolar, a União Europeia lança o repto, ao questionar-se sobre o que, com mais segurança, poderá actuar como prevenção do insucesso.

Assim, na Reunião dos Altos Funcionários da Educação dos Estados Membros da União Europeia, realizada em Bruxelas, em Junho de 1992, discute-se o papel atribuído à educação pré-escolar, como agente de socialização e/ou aprendizagem. Advogando a primeira hipótese incluem-se os Países Baixos, a Irlanda, a R.F.A. e a Dinamarca, enquanto que a Bélgica, França, Itália, Espanha, Grécia e Luxemburgo atribuem à pré-escolaridade a função de socialização e de aquisição de pré-aprendizagens.

Estudos realizados nesta área demonstram que não são só as aquisições cognitivas que devem interessar neste estágio de vida da criança.

O partenariado, isto é, a abertura à participação e intervenção de instituições exteriores (empresas, entidades locais, etc.) é factor consensual para os países europeus. Nos Países Baixos, por exemplo, o Programa de Renovação Social, prevê, desde 1989, acordo com autoridades locais e escolas, a fim de evitar problemas como o abandono escolar precoce.

Em Itália escolas e autoridades locais reúnem esforços para prevenir a toxicodependência na escola.

Em França organizam-se comissões de trabalho e desenvolvem-se acções concretas na área do acompanhamento escolar. É disto exemplo a municipalidade de Aix-en-Provence.

Na Alemanha, entre outras medidas, entidades várias têm colaborado com as famílias em planos de ocupação dos tempos livres.

A comissão Rauwenhoff para a Educação e o Mercado de Trabalho dos Países Baixos, preconiza a colaboração entre Escola e empresas, a fim de atenuar as diferenças da Escola e do Mercado de Trabalho.

Também a maioria dos países da União Europeia atribuem à Família um papel relevante no processo educativo, quer participando na gestão da escola, como nos conselhos de turma. A sua colaboração não interferirá no Projecto educativo da escola, mas será importante como órgão de consulta.

No combate ao insucesso escolar todos os Estados-Membros privilegiam o papel do professor, considerando importante a sua formação inicial, bem como a sua formação contínua.

Na maioria dos Estados, a formação dos professores para a educação pré-escolar, é assegurada por um certificado de qualificação, oscilando a duração média de formação, no conjunto dos países, entre dois e quatro anos, com prática pedagógica ao longo do curso.

A formação inicial dos professores primários é assegurada pela Universidade em seis dos países Europeus. Na Bélgica, Dinamarca, Luxemburgo, Países Baixos, Portugal e Itália (até 1994) os futuros professores frequentam Escola Superiores de Educação. A formação dura, em geral, dois a quatro anos, com estágio pedagógico e certificação, por diploma.

Os professores do ensino secundário recebem formação inicial na Universidade, na maioria dos Estados-Membros excepto os professores do ensino secundário inferior, na Bélgica, Dinamarca, Itália (até 1994) e Países Baixos, que recebem formação em institutos de ensino superior não universitário. A duração da formação prática varia nos países membros entre um/dois anos e quatro anos.



A OCDE denuncia que alguns países Europeus não privilegiam a componente de formação pedagógica, pelo que os professores em formação desconhecem as estratégias de aprendizagem dos alunos. Apenas alguns países como os Países Baixos, Dinamarca e Portugal integram na formação dos professores a problemática das dificuldades de aprendizagem dos alunos a nível da matemática e da língua materna.

Outro agente do processo educativo que tem um papel igualmente relevante é a Direcção da Escola, que em todos os Estados-Membros pertence ao corpo docente. O Director da Escola possui institucionalmente força para pronunciar a articulação entre a Escola e a Comunidade numa dinâmica de sucesso educativo.

Em consequência dos efeitos negativos do insucesso escolar, quer no jovem, quer na sociedade, surge nos Estados-Membros a implementação de centros de orientação e acompanhamento dos alunos, que em alguns países, como a Dinamarca, Grécia, Irlanda e Luxemburgo estão instalados nas escolas. Noutros países, como a Bélgica, Espanha, França e Itália os serviços de orientação estão instalados em centros autónomos.

Em suma, os países da Comunidade vêm debatendo e reflectindo sobre a temática do Insucesso e muitas medidas já foram concretizadas. Os estudos continuam, todavia, porque a diminuição da taxa de insucesso não é tarefa fácil, num mundo tão conturbado por conflitos sociais.

II.4 - A integração dos jovens no Sistema Escolar

A credibilidade e progresso das nações não se herdam, mas constroem-se. São os jovens um dos principais potenciais das sociedades modernas, a quem se delega a mudança do futuro. O presente suscita, porém, dúvidas, expectativas e alguma inquietação, porque a dinâmica social e democrática de muitos países se vêem ameaçadas por mutações inesperadas que, por vezes, comprometem a paz e o clima de estabilidade propícios ao crescimento e amadurecimento da juventude através de uma educação flexível, mas consistente, capaz de assegurar aprendizagens eficazes.

A explosão demográfica do pós-guerra e a massificação da educação comporta por um lado, evidentes sinais de positividade, na medida em que traduz um corte com tradições culturais socialmente marcadas pela selectividade. Histórica e politicamente assume-se o direito de todos à educação, como um bem ou um serviço. Todavia, a quantidade inviabiliza a qualidade e as sociedades, impreparadas para tão grandes afluxos de jovens às escolas, não conseguiram manter o nível de ensino com a qualidade que era praticada até então.

Perante resultados avaliativos desencorajantes de inúmeros casos de repetência, absentismo, atraso escolar e até abandono escolar precoce, surgem, por parte das autoridades escolares, tentativas de trazer o problema para o centro de debate. Esta problemática passa a mobilizar não países *de per si*, mas países, em bloco, conscientes do papel de mobilidade do jovem de hoje e da importância do seu contributo a nível profissional.

Em 1979 os Estados Unidos, na vanguarda da luta contra o insucesso escolar, lançam o Projecto Rise, centrado em algumas escolas primárias, marcadas por elevada percentagem de insucesso. O Projecto visou a implementação de estratégias

pedagógicas, a desenvolver no espaço da aula, com pequenos grupos de alunos, com mais dificuldades. Três anos após a sua implementação o Projecto Rise veio revelar avanços significativos dos alunos na área da matemática e da leitura.

O Projecto SIP (School Improvement Project) (1979) visou a criação de condições de melhoria da Escola, administrativa e pedagogicamente procurando rever o sistema de avaliação e a actuação dos docentes, de modo a conduzir a um ensino que propiciasse a aquisição cognitiva “básica” por parte dos alunos. O projecto, a que aderiram o corpo docente e director escolar, bem como as famílias revelou uma melhoria significativa no campo do sucesso escolar.

Em finais dos anos oitenta, os Estados Unidos organizam-se, a nível de instituições escolares privadas e oficiais, promovendo iniciativas várias, de teor teórico-prático a fim de combater com frontalidade o problema do insucesso escolar.

Temporalmente na mesma altura, em 1989, os Ministros da Educação da Comunidade Europeia reconhecem a importância desta questão e a *Task Force* Recursos Humanos, Educação, Formação e Juventude da Comissão das Comunidades Europeias promove, em Junho de 1992, sob a Presidência Portuguesa, a realização de uma Reunião, com alto nível de participantes, para debate deste tema. Para o efeito é elaborado um documento pela Rede Eurydice do qual se publicaria o livro com o seguinte título original: “Measures to combat failure at School; a Challenge for the construction of Europe”, 1994.

As transformações político-sociais determinam novos contextos, novas personagens e protagonismos. Conceitos, valores e até nomenclaturas, depressa se desactualizam, porque assim é a condição da natureza humana.

Num artigo sobre o Insucesso Escolar o Pedopsiquiatra, Dr. Mário Coelho escreve:

“O termo “insucesso escolar” surge com a instituição da escolaridade obrigatória e nessa medida o seu significado é puramente institucional. Implica de imediato que um analfabeto que nunca frequentou a escola, não possa ser classificado como tendo “insucesso escolar”(…). Há trinta anos uma rapariga que completasse a 3ª classe ou um rapaz que completasse a 4ª classe, teriam oficialmente “sucesso”, enquanto que actualmente qualquer criança que não complete nove anos de escolaridade no tempo estabelecido, é estigmatizada com o rótulo de “insucesso”(…)”³.

Em Portugal, o Ministério da Educação, consciente dos resultados estatísticos da escolaridade tem vindo a debater com afinco, este problema e lança medidas de recurso, que em parte não têm sido eficazes, por serem, em alguns casos pontuais e de curta duração. É o caso PIPSE, suspenso em 1992, do PEPT, etc.

Repensar a Escola, não significa apenas enumerar o que não se tem feito, nem tão pouco penalizar ninguém, o que interessa é relevar as vantagens do cumprimento da escolaridade.

Indubitavelmente que o insucesso escolar representa a “reprovação” do próprio sistema de ensino que se revela incapaz de gerir os casos de maiores dificuldades de aprendizagem. É toda a instituição escolar que falhou, incluindo professores, programas, manuais e materiais, processos metodológicos utilizados. Se é difícil alterar radicalmente as infraestruturas, pelo menos estratégias de remediação, de maior ou menor âmbito poderão, a curto prazo, colmatar situações escolares de não aprendizagem, já detectadas.

À Escola cabe olhar o aluno como o “aluno”, o “produto” que se deseja idealmente como resposta ao estímulo: a “aula”, os “conteúdos” que lhe são transmitidos.

³ Coelho, Mário (1994), Insucesso Escolar - Pequenas Verdades ou Grandes Mentiras, Cadernos do Internato, Departamento de Pedopsiquiatria, Hospital de Dona Estefânia, 4, pp. 29-33.



A educação pré-escolar, como complemento da acção exercida no seio da família privilegia a aquisição das primeiras aprendizagens e permite a despistagem precoce de eventuais dificuldades da criança. Estudos desenvolvidos nesta área comprovam as vantagens que advêm para a criança que frequenta o jardim de infância. No campo da oralidade é manifesta a sua desenvoltura e maior a facilidade de integração no estágio de escolaridade seguinte.

Em Portugal a mãe tem de trabalhar deixando o seu bebé aos cuidados de familiares e ou amas, nem sempre preparados para ministrar a assistência devida. As creches e os jardins de infância constituem uma rede de estabelecimentos vitais para o crescimento e estimulação precoce das crianças.

Na falta da frequência do ensino pré-escolar poder-se -ia criar um ano vestibular à escolaridade obrigatória para que a preparação destes alunos fosse facilitada no ano seguinte, quando do ingresso na escolaridade obrigatória.

Para além da criança, centro da nossa Escola Nova, há que repensar o entrecruzamento dos outros agentes intervenientes neste processo de prevenção do insucesso escolar - os Professores, a Escola, a Família e a Comunidade.

Ao professor deve ser garantida a Formação inicial, pedagógico-didáctica e assegurada a Formação Contínua, através da frequência de Cursos, Acções, etc. O professor, mais do que qualquer outro profissional, é culpabilizado e responsabilizado pela situação. Mas ele próprio necessita de garantia e estabilidade de trabalho. No contexto actual da colaboração de professores, muitos há vivendo anualmente as angústias da colocação e das deslocações para fora do local onde vivem decorrendo transtornos pessoais não contabilizáveis.

Em condições de normal desempenho do seu trabalho os professores devem responder esforçadamente ao desafio que se põe hoje, não insistindo tão dominantemente

no ensino teórico e abstracto virado para o passado, mas olhando de frente novas tecnologias, para as quais é grande a apetência juvenil.

Os materiais devem ser repensados. O diálogo instituído e valorizadas outras capacidades dos alunos, ao nível da expressão plástica, formação ao nível de atitudes e de valores. Métodos e currículos deverão ser diversificados e introduzidos até componentes regionais nos programas. O próprio modelo de avaliação deve ser outro. É positivo o novo modelo, porque determina que a retenção seja acompanhada dum plano de acompanhamento do aluno. Atende-se deste modo, às necessidades educativas específicas.

À Escola, representada pelo seu Conselho Directivo, cabe o papel de dinamizador do seu espaço, valorizando actividades extra-curriculares e criando para esse efeito espaços aprazíveis - salas de convívio, clubes escolares, ginásios, etc. Essas actividades seriam um desejável complemento formativo.

A recente autonomia conferida às Escolas permitirá a adopção de medidas de apoio ao aluno, tais como atribuir bolsas de estudo e dar apoio socio-económico aos alunos oriundos de meios de exclusão, evitar o sobredimensionamento das turmas e propiciar apoio pedagógico acrescido quando verificadas situações de considerável atraso.

À família compete colaborar com a Escola na assiduidade com que procura o Director de Turma e se informa das dificuldades e progressos do seu educando. A família não terá nem um papel estático nem punitivo, mas discreto e colaborante. Ela própria terá que repensar o papel primordial que desempenha, porque até agora tem estado relativamente ausente.

Estudos realizados noutros países europeus dão-nos conta da relação Família-Escola, convidada a intervir e tendencialmente a colaborar na gestão da Escola, através

de Associações de Pais. Estas poderão ser inspiradoras e participantes de realizações culturais.

Em Portugal a intervenção das famílias tem vindo a aumentar, embora lentamente.

A Escola Nova conta ainda com o empenhamento de outras forças sociais - Empresas, Autarquias, Juntas de Freguesia, etc. Neste campo já algo se tem vindo a realizar em Portugal -deslocação de alunos a empresas, conferências nas Escolas por profissionais de vários sectores (Jornalistas, Escritores, Médicos, Empresários, etc.). Deste modo se tem motivado os jovens para o gosto pelo trabalho, para a descoberta de outros interesses.

Fora do espaço físico da Escola, em Portugal já se têm promovido manifestações culturais meritórias e já aqui referidas.

A escola de massas não atende à diferença e exclui quem é diferente da norma. A acção traumatizante do insucesso escolar justifica a necessidade de facultar ao aluno orientação específica. Assistentes sociais e psicólogos poderão auxiliar o aluno a descobrir-se numa fase etária de grande fragilidade em que faltam, por vezes, as energias para procurar novos caminhos e são muitos os apelos e solicitações exteriores por via mediática que facilmente deslumbram mas não esclarecem.

Ao avaliar as capacidades do jovem, o Psicólogo proporá eventualmente alternativas pedagógicas, que os docentes poderão encontrar noutras pedagogias, nomeadamente a de projecto, as artísticas (de expressão e criativa), desportivas, musicais, etc.

Explicitados já alguns dos princípios orientadores para o combate ao insucesso escolar e na tentativa de passar da simples conceptualização teórica para quadro(s) mais verosímeis, onde algo se tenha aplicado e dado já frutos na temática em questão fomos

encontrar num excelente trabalho, publicado pelo Departamento de Pedopsiquiatria do Hospital Dona Estefânia, em Julho de 1994, da autoria do Dr. Mário Coelho e subordinado ao título “Insucesso Escolar. Pequenas Verdades ou Grandes Mentiras”.

O autor apresenta a sua Comunicação em Mesa redonda, integrada nas 1^{as} Jornadas de Pedopsiquiatria de Ligação do Hospital de Dona Estefânia a 4 e 5 de Dezembro de 1992. Com base na sua experiência pessoal, na qualidade de Director Escolar e Médico Pediatra vem dar conhecimento de que a sua Escola primária, CCRCCR - Centro Cultural e Recreativo das Crianças do Cruzeiro e Rio Seco, com o estatuto de IPPSS (Solidariedade Social), obteve em 1991/1992 100% de “sucesso escolar”. Apresenta o seu estudo através de Quadros sobre os Resultados Escolares, sobre a classe social dos alunos, o aproveitamento, etc.

A sua Escola está também aberta em regime de Actividades de Tempos Livres (ATL) a alunos do Ensino Secundário (C+S) e que obviamente classificados no respectivo estabelecimento de ensino, viriam no ano lectivo em estudo, a atingir uma taxa de sucesso de 96,5%.

Os alunos da Escola são de origem socio-cultural média-baixa e provenientes dos bairros populares de Ajuda e Alcântara. A Escola funciona em espaços e instalações da Câmara Municipal de Lisboa (2 pisos de edificio, mini-pavilhão gimnodesportivo, recinto ao ar livre, parque infantil) e construções pré-fabricadas próprias (salas de aula, refeitório e Direcção) e emprega 20 pessoas das quais 8 são professores.

De forma concisa, mas clara, o Director desta Escola-Modelo enuncia as formas de promoção sucesso escolar adoptadas, que agrupa em três níveis: do aluno, da família e da própria escola.

Ao nível do aluno estas medidas passam pela estimulação global da motivação, responsabilização sobre as realizações pessoais de cada criança e medidas de valorização

do trabalho em grupo (como exemplo destaca-se a colaboração entre alunos e funcionários na realização de tarefas destinadas à preparação de uma das várias Festas da escola). Ao nível do aluno há ainda a hipótese de dar apoio em grupo reduzido (1 professor/3 alunos, com duração variável) aos alunos com baixo aproveitamento escolar. Neste caso podem ser incluídos os alunos, que embora com excelente aproveitamento, regressem mais tarde das férias de Verão ou cujos pais tenham emigrado ou por outras razões igualmente atendíveis.

A intensificação da relação escola/família é outra prioridade tendente à promoção do sucesso escolar. Ela inclui as reuniões de pais, de cariz institucional e ainda lhes é solicitada a participação e colaboração nas Festas da escola, a dar lições às turmas sobre assuntos da sua área profissional/laboral, a frequentar as aulas de educação física matinal dos filhos, antes de irem para os seus empregos, a representar anualmente uma peça teatral para todos os alunos, famílias e funcionários, etc.

Actividades extra-curriculares (dança moderna, folclore, ginástica desportiva, andebol, basquetebol, etc.) preenchem os interesses dos alunos, já que todos praticam pelo menos uma destas actividades.

O empenhamento da Escola no desempenho destas actividades visa promover a auto-estima e confiança das crianças, de modo a aproveitá-las para outros aspectos da aprendizagem.

A Escola funciona 13 horas diárias, 7 dias por semana, oferece facilidades no acesso ao material escolar e fornece suplemento alimentar a crianças carenciadas. Funciona com um Conselho escolar alargado ao Médico e Coordenadora, mantendo um regime de grande estabilidade de emprego para os seus profissionais.

Da avaliação pediátrica o Dr. Mário Coelho conclui que analisados os dados escolares e a apreciação do professor relativamente a alunos com baixo aproveitamento, há que dialogar com a família e a criança.

É necessário efectuar um exame clínico objectivo completo, sendo indicados exames complementares, quando sugeridos pela observação clínica, tais como a avaliação otorrinolaringológica com eventual audiometria e a observação oftalmológica, sempre que surja a mínima dúvida acerca das suas capacidades nestes campos.

O conteúdo da comunicação do Dr. Mário Coelho remete-nos para o quadro de expectativas positivas de todos os actores envolvidos no vasto e grandioso cenário da Educação e faz-nos vislumbrar a exequibilidade de uma melhoria significativa, no campo educativo, mesmo nas circunstâncias vigentes.

Para além da especulação filosófica e do debate ideológico, um e outro desejáveis, sobre situações ideais de jovens com “sucesso”, em Escolas com “Sucesso” há que, desde já, diligenciar, a passo, mas com firmeza as medidas/etapas deste processo de aperfeiçoamento escolar, não esquecendo que o “sucesso” do final dos anos noventa não será necessariamente o mesmo no limiar do novo século. Na adaptabilidade e flexibilidade à(s) realidade(s) reside o cerne da questão. Os contextos nacionais e internacionais alteram-se e os modelos também.

As entidades competentes, plenamente conscientes de muitos males de que enferma o sistema educativo português têm-se mobilizado em torno de múltiplas actividades, individuais e colectivas, orientando esforços para a reformulação da Escola Tradicional.

Psicólogos, pediatras, empresários, pedagogos, sociólogos, vêm focando o problema do “insucesso escolar” com insistência e caracterizando-o com ópticas

diferentes, mas complementares e todas elas traduzindo a preocupação expressa de repensar a Escola hoje em Portugal.

“Para uma Escola feliz” da autoria de Pedro Strecht, médico pediatra de Pedopsiquiatria no Hospital de Dona Estefânia em Lisboa, obra publicada, em Novembro de 1995, põe o autor a questão fundamental “Por que falham as crianças com potencial intelectual normal, na sua aprendizagem escolar?”. “Para a extraordinária aventura de crescer” preconiza o autor o desenvolvimento afectivo harmónico e apela aos professores a que estejam atentos aos sinais que revelem casos-problemas, de modo a saberem encaminhá-los”.

O patronato e os centros de formação profissional acusam os sistemas educativos de estarem demasiado virados para os seus problemas internos, descurando as relações que devem existir entre a educação e o emprego.

Novas tecnologias e novas formas de organização de trabalho exigem à Escola um novo papel: o de concomitantemente com a aquisição dos saberes tradicionais, promover o espírito de cooperação, o espírito crítico, a força de vontade de levar um trabalho difícil até ao fim, o desejo de alargar e aprofundar conhecimentos, o de “aprender a aprender” de modo a dar aos jovens as capacidades, que lhes são amiúde exigidas para saberem enfrentar a mudança.

Em primeira linha são os docentes que sentindo o fracasso do seu trabalho no insucesso vivido pelos seus alunos promovem diversas iniciativas com a colaboração de técnicos da educação internacionais.

Em Junho de 1996 decorreu no Porto o Encontro Internacional da Educação Global e Formação Permanente e aí foi explicitado o desejo de humanizar a Escola, dando ao jovem, conforme a palavra do Dr. Leandro de Almeida, a possibilidade de poder “construir-se e reconstruir-se na vida sempre que necessário”. O presidente do

Conselho Nacional da Juventude, Dr. João Diogo Pinto, defendeu a necessidade de enfrentar o desafio do século XXI conseguindo articular a educação propriamente dita e a participação activa na sociedade.

Unânime foi a ideia de que interessa hoje uma Escola voltada para o jovem, em que se aposte na aquisição do ser, a qual obviamente não deverá esgotar-se na aquisição do saber.

O poder político atento ao constrangimento e desencanto vividos por docentes e discentes, procura dar respostas, que embora parcelares e insuficientes denotam a vontade política de preparar os jovens para as mudanças que ocorrem na sociedade. É assim que já no presente ano lectivo de 1996/97 vão funcionar experimentalmente currículos alternativos na Escola Básica Integrada Garcia da Orta (Castelo de Vide) e Escola Básica 2,3 Professor José Buisel (Portimão) que irão contemplar vinte e um jovens de etnia cigana, com dificuldades de aprendizagem. De igual modo, numa das sessões temáticas realizada no “Forum CONTRA A EXCLUSÃO ESCOLAR” que se realizou nos dias 9 e 10 de Setembro em Lisboa, foram referidos outros projectos educativos desenvolvidos tendo em conta a “gestão local dos currículos”, tais como o da Escola do 1º Ciclo do Ensino Básico - Cachada/Guimarães (“A Floresta Ardeu...Vamos Trabalhar.”), Escola Secundária de Ourém (“A nossa Escola na nossa Terra.”), Escola B2 + 3 José dos Anjos de Carrazedo de Montenegro (“Carrazedo...Aprendendo...Nas histórias que se contam...No passado...que se sente e recria...Naquilo que se observa...Na vida.”). Estes são apenas alguns exemplos nos quais, as Escolas que aderiram ao PEPT (Programa de Educação Para Todos), gerem localmente os currículos, conseguindo assim aumentar o grau de interesse dos alunos na instituição escolar aumentando igualmente a integração dos mesmos na Escola como um todo e não apenas na turma em que estão inseridos.

Por outro lado, cada vez mais o poder político fala na Territorialização das políticas educativas como contribuindo para combater a “exclusão escolar dos alunos”, uma vez que esta batalha contra a exclusão escolar não se trava unicamente dentro dos muros da escola, donde seja necessário proceder-se à inclusão social da escola na sociedade local.

A territorialização tem subjacente a transferência de poderes do nível nacional para um nível local, reconhecendo à escola um papel muito importante e aos pais o papel de parceiro indispensável. Contudo, e apesar de ser reconhecida identidade e autonomia das comunidades locais, o papel do Estado mantém-se como instância integradora da coesão social.

As políticas educativas já em vigor ligadas ao ensino recorrente, por unidades capitalizáveis, continuam possibilitando ao jovem o cumprimento da escolaridade segundo a sua capacidade intelectual, ritmo de aprendizagem, etc.

Novos cursos de formação técnica, de carácter profissionalizante têm sido implementados e muito procurados por jovens adolescentes com clara apetência para saberes mais práticos e com vivo desejo de integrar o mercado de trabalho. Também este novo modelo de Cursos Complementares privilegia outro tipo de destinatários, os jovens que não se sentindo cativados pelos saberes académicos puramente teóricos, desejam obter o Diploma do 12º Ano.

Para além da conjugação de vontades, de imaginação e de empenhamento dos professores, são as Escolas oficiosamente convidadas a gerir a autonomia de que dispõem ao serviço da sua criatividade, criando trabalhos de projecto e projectos culturais de alguma amplitude. Alguma resistência à mudança, problemas de custos financeiros e processos burocráticos obsoletos nem sempre permitem a “velocidade”

desejável, porque a grande questão reside mesmo na celeridade dos tempos, que não se compadece com a construção de novos sistemas.

III.1 - Algumas considerações metodológicas

Quisemos tirar conclusões da importância da incidência regional do fenómeno de abandono escolar prematuro bem como demonstrar que o acesso generalizado ao ensino não se faz de forma igualitária, apesar de garantida constitucionalmente. Os processos de discriminação dos sistemas existem e são irreduzíveis mal grado a sua consignação em decretos.

Contrapõem, de forma polémica, os autores que justificam o fenómeno de insucesso escolar com a herança genética, representada pelo quociente intelectual da criança. A corrente genética aceita a inevitável desigualdade entre os homens e considera até que o insucesso escolar legitima a selecção dos indivíduos pelo que a própria natureza reservaria a uns tarefas de desempenho subalterno e tarefas de chefias a outros.

Foi nosso objectivo, ao elaborar e aplicar inquéritos, lograr, através da análise das respostas, reunir elementos que pudessem traduzir, até certo ponto, indicadores susceptíveis de caracterizar o tipo de alunos que abandonam a Escola e entram no mercado de trabalho, em condições de sub-emprego, à margem das leis laborais que regem o nosso país.

Procurámos, também, através do estudo-caso obter uma visão mais contextualizada do fenómeno de abandono escolar precoce, detectando os factores condicionantes de natureza económica, social e cultural que nele interferem. Nesta perspectiva interessou-nos concluir do papel da família como factor decisivo para o prosseguimento ou não dos estudos dos seus educandos.

Em conformidade com os critérios acima enunciados a população alvo do inquérito foi:

- Alunos que frequentavam o 6º, 7º e 8º ano de Escolaridade Obrigatória;
- Encarregados de Educação destes alunos;
- Alunos que já consumaram a desistência da Escola.

Escolas Seleccionadas

O critério que presidiu à escolha das Escolas para viabilização da aplicação dos inquéritos foi o de contemplar quatro estabelecimentos escolares, sitos respectivamente na área de Lisboa (Escola Secundária Josefa de Óbidos), na área da Grande Lisboa (Escola C+S Almeida Garrett e Escola B2+3 de Alfovelos), e na região Oeste (Escola C+S de Ribamar).

Foi nossa intenção delimitar áreas suficientemente demarcadas e significativas no seu aspecto social, demográfico e laboral.

A Escola Secundária Josefa de Óbidos localizada numa zona populosa de Lisboa aglutina uma população discente convergente do tradicional bairro da Lapa, onde coabitam baixa, média e alta burguesia e uma população oriunda do Casal Ventoso e do bairro de Alcântara, marcada por alguns casos de famílias economicamente desfavorecidas.

Às escolas da região da Amadora confluem jovens da alta, média e baixa burguesia. A cidade da Amadora, como área limítrofe, representa uma das áreas dormitório de Lisboa e determina um quadro familiar típico, o do jovem que vive uma vida escolar solitária, porque o reencontro com os seus familiares ocorre apenas na madrugada e na noite quando eles convergem para suas casas, após o dia de trabalho.

Fora da zona periférica de Lisboa a nossa escolha recaiu na Escola C+S de Ribamar, na Lourinhã, meio rural com uma população activa agrária fortemente ligada à terra e também dependente da actividade piscatória. Neste ambiente rural e piscatório se enquadram os jovens inquiridos.

Inquéritos

Institucionalmente não devem ocorrer fenómenos de abandono escolar, desde que a Escolaridade Obrigatória foi lançada. No ano lectivo de 1995/96 terão concluído os primeiros alunos o seu período de escolaridade obrigatória de 9 (nove) anos, uma vez esta ter sido alargada de 6 (seis) para 9 (nove) anos no ano lectivo de 1987/88.

O aluno que cumpriu a sua escolaridade com aproveitamento será portador de um diploma comprovativo. Nos casos em que o aluno atingiu o limite de idade de 14 anos, sem contudo ter aproveitamento, será certificada apenas a sua frequência, ficando de imediato desvinculado da Escola e disponível para entrar no mercado de trabalho.

A fim de contar com a colaboração mais consciente dos destinatários, decidimos não aplicar os inquéritos quer no primeiro período (fase de adaptação à vida escolar, criação de novos hábitos de trabalho), quer no terceiro período (fase de alguma preocupação relativamente à proximidade de avaliações finais). Considerámos mais oportuna a aplicação dos inquéritos no segundo período, por ele representar uma estabilização quanto às variantes acima referidas.

Os inquéritos para além das questões “fechadas”, incluem também questões “abertas”, designadamente nos pontos que considerámos decisivos e relevantes para a compreensão do fenómeno do abandono escolar precoce - A Escola/Instituição, os Docentes/Agentes de Ensino e Perspectiva pessoal relativamente ao processo de Abandono Escolar.

A elaboração dos inquéritos partiu do pressuposto que era fundamental identificar algumas variáveis e alguns processos de inter-relação que envolvem os destinatários na realidade em que eles se movem escolar e socialmente e detectar, quando possível, condições subjectivas interferentes no processo de abandono escolar.

Foram testados três tipos de inquéritos dirigidos a:

- Alunos que ainda estudam (Anexo nº 2);
- Alunos que já abandonaram (Anexo nº 3);
- Encarregados de Educação (Anexo nº 4).

Tendo sido o primeiro teste intencionalmente elaborado de modo a permitir fazer os ajustamentos necessários.

O estudo estatístico do inquérito foi realizado a partir do questionário final.

O conteúdo do Inquérito, tendo como destinatários os Alunos que ainda estudam, incluiu os itens que considerámos essenciais para analisar o tema, nomeadamente:

- Aspirações e expectativas dos alunos face à Escola;
- Definição da Escola Ideal;
- Definição de Docente Ideal;
- Modo de ensino, processos pedagógicos, conteúdos pragmáticos, relações professor/aluno;
- Condições e situações de inserção escolar, de forma lata e mais restritamente na turma;
- Aproveitamento Escolar;
- Interesses dos alunos fora do espaço escolar;
- Eventuais razões para o abandono escolar;

- Condições de ensino - instalações e equipamentos disponíveis, regime de funcionamento da Escola;
- Agregado familiar, Habilitações literárias;
- Rendimento mensal da família;
- Colaboração da família no estudo;
- Condições de trabalho em casa.

Conscientes do papel que a família detém num contexto sociocultural e económico determinado, inquirimos os Encarregados de Educação, procurando referências quanto a:

- Expectativas relativamente ao futuro escolar dos seus filhos/educandos;
- Motivação ao prosseguimento ou não de estudos;
- Definição de parâmetros da Escola Ideal;
- Conceito de Professor Ideal;
- Relação Encarregado de Educação com os vários intervenientes da Escola - Professores, Directores de Turma, Pessoal Auxiliar;
- Conhecimento da inserção escolar do seu educando na Escola e restritamente na turma;

Procurámos, ainda, indicadores relativos aos agregados domésticos nos seguintes domínios: condições de habitação, nível de rendimento, nível cultural e socio-económico.

O processo de lançamento dos Inquéritos decorreu nas Escolas, após solicitação de autorização aos Conselhos Directivos. Estes, colaboradores e interessados designaram para o efeito alguns professores, tendo os inquéritos dos Alunos sido presencialmente preenchidos em hora lectiva útil. Os inquéritos dos Encarregados de Educação foram levados pelos alunos a casa e mais tarde devolvidos aos professores. Os inquéritos dirigidos a alunos que abandonaram a escola (19 alunos que não se matricularam no ano

seguinte, nem levantaram o seu processo na secretaria da escola), foram enviados pelo correio tendo apenas dois respondido, sendo que um deles não se encontrava preenchido. Foi notório o desinteresse manifestado por parte daqueles últimos, podendo concluir-se que estes jovens estão já imersos em outras actividades que não as escolares. Deste modo, vamos tentar perceber as razões do abandono através das respostas dos alunos que ainda estudam uma vez que o estudo de caso não permitiu fazer a análise dos alunos que já abandonaram a Escola, dado o já referido numero de respostas recebido.

Em anexo (Anexo nº 5 e nº 6) encontram-se estruturadas todas as respostas aos inquéritos.

(Anexo nº 5 - Distribuição dos Alunos Inquiridos por Escola Frequenciada)

Escola Frequenciada	Escola Inicial	Escola Intermediária	Escola Final
Escola de Odivelas	200	10	10
Escola de Alameda (Lisboa)	20	10	10
Escola de Alameda (Lisboa)	20	10	10
Escola de Alameda (Lisboa)	20	10	10
Escola de Alameda (Lisboa)	20	10	10
Total	280	40	40

(Anexo nº 6 - Respostas aos inquéritos)

Quanto à forma como a distribuição é apresentada, os dados em que os alunos manifestaram o abandono da escola, os alunos que não responderam ao inquérito.

Os dados apresentados em anexo são estruturados de acordo com a forma como os alunos manifestaram o abandono da escola, os alunos que não responderam ao inquérito. Os dados apresentados em anexo são estruturados de acordo com a forma como os alunos manifestaram o abandono da escola, os alunos que não responderam ao inquérito.

III.2.1 - Caracterização da Amostra

Neste trabalho foram inquiridos 360 alunos distribuídos por quatro (4) escolas, designadamente pela Escola Secundária Josefa de Óbidos, Escola C+S de Almeida Garrett, Escola B2 + 3 de Alfoanelos e Escola C+S de Ribamar, conforme se pode verificar no quadro seguinte:

Quadro nº 1 - Distribuição dos Alunos inquiridos por Escola Frequentada

<i>Escola Frequentada</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Josefa de Óbidos	80	22,2
C+S de Almeida Garrett	98	27,2
B2+3 de Alfoanelos	125	34,7
C+S de Ribamar	57	15,8
Total	360	100

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Duma forma geral, a distribuição é equitativa, na medida em que em termos médios encontramos cerca de 25% dos alunos em cada uma das escolas.

Em termos etários, a maioria dos estudantes encontra-se no escalão dos 14 anos (134 alunos - 37,2%), seguindo-se respectivamente dos 13 e 12 anos com 26,9% e 17,5%. Dos restantes casos, 55 situam-se entre os 15 e os 18 anos inclusivé e 11 omitiram a sua idade.

Quadro nº 2 - Distribuição dos Alunos inquiridos por Idade/Ano Lectivo

<i>Idade</i>	<i>Ano Lectivo</i>			<i>Total</i>	<i>%</i>
	6º	7º	8º		
12	61	2	-	63	17,5
13	20	75	2	97	26,9
14	5	47	82	134	37,2
15	1	10	20	31	8,6
16	1	10	9	20	5,6
17	-	3	-	3	0,9
18	-	1	-	1	0,3
Não Responde	2	5	4	11	3,0
Total	90	153	117	360	100

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

No que respeita à distribuição por Sexo (Quadro nº 3) constata-se que a nossa amostra se encontra equitativamente distribuída, embora com um ligeiro ascendente de alunos do sexo feminino (51,4% contra 47,5% do sexo masculino). Neste caso, apenas 4 inquéritos não se encontravam respondidos relativamente à rubrica sexo.

Quadro nº 3 - Distribuição dos Alunos inquiridos por Sexo

<i>Sexo</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Masculino	171	47,5
Feminino	185	51,4
Não Responde	4	1,1
Total	360	100

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Relativamente às escolas seleccionadas, verifica-se uma distribuição idêntica em termos de horário lectivo, pois, os alunos distribuem-se em igual percentagem pelo horário da manhã e pelo da tarde, conforme se pode observar da leitura do quadro seguinte:

Quadro nº 4 - Distribuição dos Alunos inquiridos por diferentes tipos de horários

<i>Horário</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Manhã	151	41,9
Tarde	151	41,9
Misto	58	16,2
Total	360	100

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Dos 360 alunos inquiridos, 339 (94,2%) pretende continuar a estudar sendo que apenas uma reduzida parte (5 alunos) afirma não querer prosseguir os estudos. Os restantes alunos (16) ainda não sabem se gostariam de continuar a estudar ou não, ou então não respondem.

Quadro nº 5 - Intenção de Continuar a Estudar

<i>Pretende Continuar a Estudar?</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Sim	339	94,2
Não	5	1,4
Não Sabe	14	3,9
Não Responde	2	0,5
Total	360	100

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Dos 339 alunos que manifestaram intenções de prosseguir estudos, 275 pretendem permanecer na Escola que actualmente frequentam, o que demonstra um elevado índice de satisfação com a Escola actual.

Quadro nº 6 - Intenções de prosseguir estudos na Escola actual

<i>Pretende Continuar na mesma escola?</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Sim	275	81,1
Não	58	17,1
Não Sabe/Não Responde	6	1,8
Total	339	100

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Os alunos que pretendem mudar de escola alegam como principal razão (42,3% das respostas efectivas) o clima de violência e a falta de segurança existente na escola seguindo-se o facto de a escola só leccionar até ao 9º ano (21,2%).

Quadro nº 7 - Motivos para mudar de Escola

<i>Motivo</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
1. Escola só tem até 9º ano	11	19,0
2. Vai mudar de casa	5	8,6
3. Não existe segurança	22	38,0
4. Não gostar da Escola/colegas	9	15,5
5. Escola fica longe da residência	4	6,9
6. Já reprovou	1	1,7
Não Sabe/Não Responde	6	10,3
Total	58	100

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

A grande maioria dos estudantes situa-se na classificação de médio (3). De seguida temos os alunos que atingiram nível mais alto de classificação (4).

A distribuição média das notas, apresenta valores bastantes positivos, na medida em que a taxa de reprovação é bastante reduzida, pois existem apenas 8,6% de notas

negativas (classificação 1 e 2). A grande maioria centra-se no escalão 3, ou seja 243 alunos.

Quadro nº 8 - Classificação média de cada aluno inquirido no ano lectivo transacto

<i>Classificação</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
1	1	0,3
2	30	8,3
3	243	67,5
4	47	13,1
5	16	4,4
Não Responde	23	6,4
Total	360	100

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Nota: As classificações encontram-se organizadas numa escala de 1 (Mau) a 5 (Muito bom), sendo que apenas a partir de 3 se considera como nota positiva.

Da nossa amostra de 360 alunos (apenas 1 aluno não respondeu), verificámos que 244 (67,8%) nunca reprovaram e 115 (31,9%) já reprovaram pelo menos uma vez.

Quadro nº 9 - Reprovações

<i>Reprovou</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Sim	115	31,9
Não	244	67,8
Não Responde	1	0,3
Total	360	100

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Quando cruzamos a variável “Pretende continuar a estudar?” com “Já reprovou?”, verificámos que 65,5% dos alunos que pretendem continuar a estudar já reprovaram e 29,1% dos mesmos nunca reprovou. Por sua vez, dos alunos que não pretendem continuar a estudar (5 alunos), 3 já reprovaram e 2 nunca reprovaram.

Quando inquiridos acerca de qual o ano em que reprovaram, as respostas obtidas foram as seguintes:

Quadro nº 10 - Taxa de reprovação por ano lectivo

<i>Ciclo</i>	<i>Ano Lectivo</i>	<i>Frequência de Reprovação</i>	<i>%</i>
1º Ciclo	2º	27	20,6
	3º	5	3,8
	4º	27	20,6
2º Ciclo	5º	27	20,6
	6º	16	12,2
3º Ciclo	7º	22	16,8
	8º	7	5,4
Total		131	100

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Da leitura do quadro anterior podemos constatar que as reprovações, ocorreram, na maioria dos casos durante o 1º ciclo (59 casos), sendo mais incidentes sobretudo nos 2º e 4º anos.

Segue-se o 2º ciclo, onde se assiste a 43 reprovações e o 3º com apenas 29.

Nota-se uma maior incidência de reprovações no 5º e no 7º ano, visto estes serem os anos iniciais do 2º e do 3º ciclo respectivamente, ou seja, anos de adaptação dos alunos a novos métodos, novas pedagogias, novos programas e didácticas, entre outros.

A diferença entre o número de alunos que já reprovaram exposto no Quadro nº9 (115) e o que aparece no Quadro nº10 (131) deve-se ao facto de alguns alunos terem reprovado mais de uma vez.

Quadro nº 11- Ocupação dos Tempos Livres

	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
1. Jogos electrónicos / computador	47	13,1
2. Estudar / ler / escrever	78	21,7
3. Ver televisão, vídeo, cinema	50	13,9
4. Ouvir música	34	9,4
5. Passear	13	3,6
6. Praticar desportos	77	21,4
7. Brincar	8	2,2
8. Estar com os amigos	5	1,4
9. Ajudar mãe/pai	5	1,4
10. Descansar	2	0,6
11. Dançar	2	0,6
12. Variadas	10	2,8
Não Responde	29	8,1
Total	360	100

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

No que respeita à ocupação dos tempos livres, a maior parte dos alunos inquiridos costuma ocupa-los a estudar/ler/escrever (21,7%) e a praticar desporto (21,4%). A TV/video/cinema (13,9%) e os jogos electrónicos/computador (13,1%) ocupam as preferências seguintes. Os restantes casos (8) dividem-se por actividades tão variadas como ouvir música, passear, brincar, estar com amigos, ajudar os pais, descansar, dançar, tocar um instrumento e outras não especificadas.

III.2.2 - Origem Sócio-Económica do Aluno (Rendimentos Mensal, Habilitação e Profissão dos pais)

Como seria de esperar e dada a pouca idade dos jovens inquiridos (referido no Quadro nº 2), as crianças desconhecem qual o rendimento dos seus pais, o que está patente no elevado número de não respostas.(aproximadamente 30%). Para além do facto de alguns alunos desconhecerem o rendimento dos seus pais, trata-se de um assunto envolvendo bastante sigilo, sendo, por vezes, transmitido às crianças, orientações por forma a que não divulguem esses mesmos rendimentos ou, por outro lado, certos pais auferem rendimentos muito baixos o que faz com que a criança não os divulgue para evitar a “vergonha” face aos seus colegas.

Das respostas obtidas verifica-se que 38,3% dos homens tem rendimentos superiores a 100 contos e apenas 26,1% das mulheres ultrapassa este valor.

Quadro nº 12 - Rendimento mensal líquido dos Pais

<i>Rendimento</i>	<i>Frequência Pai</i>	<i>%</i>	<i>Frequência Mãe</i>	<i>%</i>
< 39 contos	18	5,0	36	10,0
40 a 49 contos	13	3,6	22	6,1
50 a 59 contos	13	3,6	25	6,9
60 a 79 contos	28	7,8	46	12,8
80 a 99 contos	47	13,1	38	10,6
100 a 139 contos	59	16,4	38	10,6
140 a 199 contos	30	8,3	18	5,0
200 a 249 contos	21	5,8	8	2,2
> 250 contos	28	7,8	13	3,6
Não Sabe/Não Responde	103	28,6	116	32,2
Total	360	100	360	100

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

No que respeita ao agregado familiar (Quadro nº13) observou-se que a maioria das famílias eram compostas por quatro pessoas (40,6%).

Quadro nº 13 - Nº de pessoas que compõem o agregado familiar

<i>Agregado Familiar</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
3	77	21,4
4	146	40,6
5	68	18,9
Outros	69	19,1
Total	360	100

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Observou-se, que de uma forma geral, as habilitações escolares tanto do pai como da mãe, eram bastante baixas (Quadro nº 14). Perto de 50% dos pais tem no máximo a 4ª classe.

Nota-se que as habilitações escolares da mãe são inferiores às do pai, principalmente se tivermos em atenção as situações extremas (< 4ª classe e Curso superior). Da análise destes dois extremos verifica-se que 6,4% das mulheres tem menos do que a 4ª classe enquanto que apenas 2,2% dos homens possui iguais habilitações escolares. No que respeita à posse de um curso superior, 6,4% das mulheres possuem-no contra 10% dos homens.

Quadro nº 14 - Habilitações Escolares dos Pais

<i>Habilitações</i>	<i>Frequência Pai</i>	<i>%</i>	<i>Frequência Mãe</i>	<i>%</i>
< 4ª classe	8	2,2	23	6,4
4ª classe	158	43,9	140	38,9
6º ano de escolaridade	53	14,7	61	16,9
9º ano de escolaridade	40	11,1	51	14,2
12º ano	23	6,4	29	8,1
Curso Médio	17	4,7	18	5,0
Curso Superior	36	10,0	23	6,4
Não Sabe/Não Responde	25	6,9	15	4,2
Total	360	100	360	100

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

No que respeita a cursos superiores, constata-se que 59 pais são detentores deste título. O curso superior mais comum é o de Engenharia no caso dos homens (3,9%) e o

de Letras no que concerne as mulheres (2,5%). Será importante referir que as percentagens referidas neste parágrafo referem-se ao peso dos pais possuidores de cursos superiores sobre a totalidade da amostra (360 indivíduos). Assim, dos 36 homens que são possuidores de curso superior, 17 (47,2%) são formados em Engenharia. De igual modo, das 23 mulheres que possuem um curso superior, 5 (21,7%) são formadas em Letras.

Foram ainda referidos os cursos de Arquitectura, Psicologia, Farmácia, Direito, entre outros.

Quadro nº 15 - Profissão dos Pais

<i>Profissão</i>	<i>Frequência Pai</i>	<i>%</i>	<i>Frequência Mãe</i>	<i>%</i>
1. Desempregado	10	2,8	7	1,9
2. Reformado	14	3,9	4	1,1
3. Quadros superiores da Administração Pública, dirigentes e quadros superiores de empresas	34	9,5	18	5
4. Especialistas de profissões intelectuais e científicas	33	9,2	28	7,8
5. Técnicos e profissionais de nível intermédio	32	8,9	31	8,6
6. Pessoal Administrativo e similares	18	5,0	28	10
7. Pessoal dos serviços e vendedores	37	10,3	60	16,7
8. Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	32	8,9	1	0,3
9. Operários, artífices e trabalhadores similares	85	23,7	18	5,3
10. Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem	19	5,9	2	0,6
11. Trabalhadores não qualificados	11	3,0	13	3,6
12. Doméstico/a	-	-	137	38,1
Não sabe/Não responde	33	9,2	12	3,3
Total	360	100	360	100

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Em termos profissionais, encontrámos diversas profissões. No caso das mulheres, 38,1% são domésticas; 16,7% pertence ao grupo “Pessoal dos serviços e vendedores” (grupo 5 da classificação nacional de profissões constante no Diário da República nº 91 de 1995/04/18, II Série); 10% “Pessoal administrativo e similares” (grupo 4); 8,6% “Técnicos e profissionais de nível intermédio” (grupo 3); 7,8% “Especialistas de profissões intelectuais e científicas” (grupo 2); as demais profissões ficavam-se pelos 17,8% e incluíam por ordem decrescente de importância “Operários, artífices e trabalhadores similares” (5,3%), “Quadros superiores da Administração Pública, dirigentes e quadros superiores de empresas” (5%), “Trabalhadores não qualificados” (3,6%) entre outros.

No que diz respeito aos homens, destacam-se o grupo “Operários , artífices e trabalhadores similares” com 23,7%. seguindo-se “Pessoal dos serviços e vendedores” com 10,3%; “Quadros superiores da Administração Pública, dirigentes e quadros superiores de empresas”(9,5%); “Especialistas das profissões intelectuais e científicas” (9,2%); “Técnicos e profissionais de nível intermédio” e “Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas” ambos com 8,9% e “Pessoal administrativo e similares” com 5%. As restantes profissões atingiam os 9,7%.

O desemprego atingia 17 casos sendo que 10 se referiam a homens e os restantes 7 a mulheres.

III.2.3 - Meio Envolvente

Em termos de acompanhamento dos estudos pelos encarregados de educação/pais (Quadro nº 16) pouco mais de metade dos 360 alunos inquiridos (55,6%) afirmam que são frequentemente acompanhados nos seus estudos. Em 35,8% dos casos, apenas algumas vezes os seus pais/encarregados de educação acompanham os seus estudos e apenas 26 alunos referiram ser raramente ajudados.

Quadro nº 16 - Acompanhamento dos estudos pelos Encarregados de educação/Pais

<i>Os Enc. de Educação costumam ajudar nos estudos?</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Muitas Vezes	200	55,6
Algumas Vezes	129	35,8
Raramente	26	7,2
Não Responde	5	1,4
Total	360	100

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

No que concerne ao acompanhamento da actividade escolar dos alunos, através da presença nas reuniões convocadas pelos Directores de Turma, verificou-se uma certa adesão dos encarregados de educação/pais, pois estes vão regularmente às reuniões de Direcção de Turma. Contudo, 35 alunos afirmam que raramente os seus pais/encarregados de educação assistem a essas reuniões.

Quadro nº 17 - Comparência dos Encarregados de Educação/Pais às reuniões convocadas pelos Directores de Turma

<i>Ida às Reuniões</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Muitas Vezes	231	64,2
Algumas Vezes	92	25,6
Raramente	35	9,7
Não Sabe/Não Responde	2	0,5
Total	360	100

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Os alunos na sua actividade diária de estudo (Quadro nº18) recorrem na sua grande maioria (66,4%) a apoio no estudo. Este apoio, como é visível, se se atentar ao Quadro nº19, vai desde os familiares - irmãos (22,2%), mãe (16,9%), ambos os pais (15,6%) a colegas bem como a explicadores (ambos com 7,2%).

Quadro nº 18 - Nº de alunos que recorrem a ajuda nos estudos

<i>Ajuda</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Sim	239	66,4
Não	120	33,3
Não Responde	1	0,3
Total	360	100

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Quadro nº 19 - Quem ajuda a estudar os alunos inquiridos

<i>Quem ajuda</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
1. Pai	23	6,4
2. Mãe	61	16,9
3. Pai e Mãe	56	15,6
4. Explicador/a	26	7,2
5. Irmão/ã	80	22,2
6. Colegas/Outros familiares	26	7,2
7. Encarregado de Educação	1	0,3
Não Sabe/Não Responde	87	24,2
Total	360	100

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Em termos das condições do local de estudo, é de destacar que praticamente a totalidade dos estudantes referiram ter um local de sossego para realizar os seus estudos. Apenas 5,6% afirma não possuir tal condição que constitui requisito importante para a obtenção de resultados positivos.

Quadro nº 20 - Nº de alunos inquiridos que tem um local sossegado em casa para estudar

<i>Local Sossegado em casa</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Sim	338	93,9
Não	20	5,6
Não Sabe/Não Responde	2	0,5
Total	360	100

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

III.2.4 - Características da Escola

Neste ponto, a análise iniciou-se pela estruturação da classificação dos motivos que poderiam contribuir para o abandono escolar. Assim, obteve-se o seguinte quadro:

Quadro nº 21 - Classificação dos razões que poderão motivar o abandono escolar

<i>Razão</i>	<i>1-S/Imp.</i>	<i>2-P.Imp.</i>	<i>3-Imp.</i>	<i>4-M.Imp.</i>	<i>NS/NR</i>
1.Os professores faltam muito	21,4	9,2	11,4	10	67,4
2.Não gosta de estudar	6,9	5,3	21,1	27,5	39,2
3.Prefere ir trabalhar	21,7	6,7	18,9	12,8	39,9
4.Os seus pais não querem que continue a estudar	19,7	4,2	10,3	25,6	40,2
5.Os seus pais têm dificuldades financeiras	15,6	6,4	14,7	22,2	41,1
6.Julga que não são necessários tantos estudos	15,6	10,6	16,4	16,4	41,1
7.O que se aprende não serve para nada	20,6	7,8	11,7	18,6	41,4
8.Reprovou muitas vezes	20,8	6,7	14,7	16,7	41,1
9.Não gosta da forma como a matéria é exposta	13,6	17,8	16,9	11,4	40,3
10.Condições físicas da escola	11,1	15	13,6	18,9	41,4
11.Outros					
Não gostar da escola/colegas	-	-	-	1,3	98,7
Más companhias	-	-	-	1,3	98,7
Segurança	-	-	-	1,3	98,7

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Nota: A escala utilizada é a seguinte: 1 - Sem importância; 2 - Pouca importância; 3 - Importante; 4 - Muito importante; NS/NR - Não sabe/Não responde.

A informação constante do quadro foi estruturada numa escala de 1 a 4, sendo que 1 corresponde à classificação mais baixa e 4 à mais elevada.

Quando inquiridos acerca de quais os motivos que poderiam influenciar a decisão de prosseguir ou não os estudos, os alunos inquiridos penalizaram sobretudo a escola em detrimento dos professores, ao contrário do que seria esperado, de acordo com as

ideias comumente aceites, e defendidas pelos estudos psicossociológicos, os quais afirmam, entre outras conclusões, que os alunos com menor aproveitamento escolar provenientes de meios de baixos rendimentos, costumam projectar o seu baixo aproveitamento em causas externas, tais como a dificuldade das matérias leccionadas e a excessiva exigência dos professores. No entanto estes resultados poderão, em parte, ser explicados pelo facto de os inquéritos terem sido entregues aos professores, o que, apesar de serem anónimos, poderá ter funcionado como factor dissuasor, para as classificações atribuídas aos professores, dado o receio dos alunos de serem reconhecidos.

Verificámos, através das respostas obtidas, que **os programas escolares estão, na opinião dos respondentes, desfasados da realidade**, quando 30,3% atribuiu nota 3 e 4 (11,7% e 18,6%, respectivamente) à questão **“O que se aprende não serve para nada”**.

Outra razão muito importante (classificação de 4 na referida escala) prende-se com o facto de **“não serem necessários tantos estudos”** (16,4%), e igual percentagem afirmar ser uma razão importante (classificação de 3) para o não prosseguimento de estudos.

Existe, actualmente, uma desacreditação da importância dos estudos, em virtude da existência crescente de bolsas de desemprego para elevados níveis de habilitações. A constatação na prática de um desajustamento entre procura e oferta qualificada no que concerne a remuneração, está patente na afirmação vulgar de que **“Não são precisos tantos estudos para ganhar dinheiro”**.

O facto de os próprios **alunos “não gostarem de estudar”** é também considerado um factor muito importante para se deixar de estudar (27,5% atribuiu uma classificação de 4).

O desejo/opinião dos pais é outra variável que influencia muito a decisão de prosseguimento dos estudos (25,6% atribuiu nota 4 na escala de 1 a 4)

Quando questionados acerca do grau de influência das condições físicas da escola para o prosseguimento dos estudos, a maioria dos respondentes afirma ser uma condição com forte influência na decisão de continuar ou não a estudar (32,5% considera importante e muito importante este item). Entre outros factores, os alunos referiram ainda a segurança como factor de muita importância a levar em conta para a decisão de abandono escolar, porque hoje em dia as escolas nem sempre oferecem a segurança desejada. Políticas governamentais de contenção de custos têm impedido a colocação de pessoal auxiliar nas vagas existentes bem como de pessoal vigilante.

Quadro nº 22- Caracterização da Escola

Razão	Existente(%)					Desejada(%)				
	<i>1- Frc.</i>	<i>2- Méd.</i>	<i>3- Bom</i>	<i>4-M. Bom</i>	<i>NS/ NR</i>	<i>1- Frc.</i>	<i>2- Méd.</i>	<i>3- Bom</i>	<i>4-M. Bom</i>	<i>NS/ NR</i>
1. Localização	10,3	34,2	35,8	14,2	5,6	1,1	2,8	18,6	47,8	29,7
2. Instalações	11,7	37,8	35,6	8,9	6,1	1,4	4,2	14,4	50,8	29,2
3. Segurança	30,6	32,5	25,3	5,3	6,4	1,4	1,7	10,6	60	26,4
4. Horários	9,7	26,9	41,4	15,3	6,7	0,8	3,3	16,9	50,6	28,3
5. Desportos	9,2	31,1	34,2	19,4	6,1	1,1	1,9	12,8	55	29,2
6. Exposições	25	29,7	26,7	11,7	6,9	2,8	6,9	19,4	41,7	29,2
7. Conferências	27,5	28,3	18,1	5	21,1	3,9	12,8	18,3	34,4	30,6
8. Visitas de Estudo	33,6	26,4	21,9	9,7	8,3	3,1	2,2	10,6	57,5	26,7
9. Biblioteca	4,4	16,4	44,4	28,3	6,4	0,8	3,6	16,1	48,1	31,4
10. Centro de Recursos	13,3	16,7	35,3	25,6	9,2	1,7	3,3	12,5	53,6	38,9
11. Outros	Não aplicável (Ninguém respondeu)									

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Nota: A escala utilizada é a seguinte: 1 - Fraco; 2 - Médio; 3 - Bom; 4 - Muito Bom; NS/NR - Não sabe/Não responde.



Relativamente à caracterização da Escola (Quadro nº 22), destacam-se uma série de itens, nomeadamente a localização, instalações, segurança, horários, desportos, exposições, conferência, visitas de estudo, biblioteca e centro de recursos.

A informação constante do quadro foi estruturada, tal como acontecia no caso do quadro anterior, numa escala de 1 a 4, sendo que 1 corresponde à classificação mais baixa e 4 à mais alta. De referir ainda que existem dois universos distintos no quadro anterior, ou seja, por um lado temos as características existentes e por outro as desejadas.

O nível máximo observado atingido é apenas 3 para quatro casos, são eles: localização (35,8%), horários (41,4%), desportos (34,2%), biblioteca (44,4%) e centro de recursos (35,3%).

Com excepção para as visitas de estudo em que 33,6% responde não serem muito usuais (classificação de 1 na referida escala), os alunos classificam os restantes casos (instalações, segurança, exposições e conferências) com nota 2 o que poderá servir de guia orientador aos responsáveis escolares para repensar o que pode ser melhorado, quais as necessidades dos seus alunos, quais os seus desejos em termos escolares, nomeadamente no que concerne à Escola, seu ambiente circundante e seu funcionamento. Questões tão importantes como a segurança, as instalações, as visitas de estudo, entre outras não podem ser descuradas, para podermos dar aos alunos um ambiente agradável, saudável, motivador, que seja propício ao seu crescimento físico, intelectual e moral.

Da leitura do quadro podemos inferir que os alunos não se encontram totalmente satisfeitos, em nenhuma das características referidas, com a escola existente, e que desejam mais e melhor quando inquiridos acerca dos seus desejos para os referidos aspectos.

Quadro nº 23- Caracterização dos professores

Razão	Existente(%)					Desejada(%)				
	1-S/ Imp	2-P/ Imp	3- Imp.	4-M/ Imp	NS/ NR	1-S/ Imp	2-P/ Imp	3- Imp	4-M. / Imp	NS/ NR
1. Competência	5	7,8	45,3	34,2	7,8	1,7	1,9	12,5	52,8	31,1
2. Justiça	12,8	10,3	42,8	27,5	6,7	2,2	2,5	9,2	57,5	28,6
3. Exigência	4,4	13,9	51,7	23,6	6,4	6,1	5,6	18,6	38,3	31,4
4. Pontualidade	8,9	16,7	39,2	29,2	6,1	5	3,9	12,5	47,5	31,1
5. Afabilidade	7,5	12,5	44,4	24,7	10,8	1,7	1,9	15,8	48,3	32,2
6. Flexibilidade	6,9	16,4	46,9	20,6	9,2	2,2	3,3	15,6	47,2	31,7
7. Assiduidade	4,4	9,7	42,8	34,2	8,9	3,1	3,1	12,2	49,7	31,9
8. Compreensão	5,3	13,1	36,4	35,3	10	1,7	1,1	9,2	57,2	30,8
9. Empenhamento	3,6	5,6	34,7	45,8	10,3	1,7	1,4	7,8	56,1	33,1
10. Outras	Não aplicável (Ninguém respondeu)									

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Nota: A escala utilizada é a seguinte: 1 - Sem importância; 2 - Pouca importância; 3 - Importante; 4 - Muito importante; NS/NR - Não sabe / Não responde. No caso das colunas incluídas na rubrica "Existente" a palavra "importância" deverá ser entendida como satisfação.

Da análise do quadro anterior acerca das qualidades, que na opinião de cada aluno, são mais importantes nos seus professores, destacam-se competência, justiça, exigência, pontualidade, afabilidade, flexibilidade, assiduidade, compreensão e empenhamento, a grande maioria considerou que os seus professores eram muito empenhados (4 na referida escala de 1 a 4). Às restantes capacidades/qualidades dos docentes foi atribuído o nível 3, sendo, contudo, bastante positivo constatar que os alunos se apercebem do esforço encetado pelos seus docentes para cumprirem com a tarefa que lhes foi incumbida nomeadamente no que se refere à transmissão de saberes bem como preparação para a vida ao atribuírem classificação 4 ao item "empenhamento". Os professores são quem mais se relaciona com os alunos, sendo que as características referidas poderão ditar a intenção de permanecer na Escola, ou pelo contrário, a abandonar.

Apesar dos alunos estarem “aparentemente”, na sua maioria satisfeitos com os professores, é de salientar o facto de desejarem mais e melhor relativamente às características existentes.

Quadro nº 24- Utilidade dos empregados auxiliares na opinião dos alunos

<i>Empregados Auxiliares úteis?</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Muitas Vezes	95	26,4
Algumas Vezes	190	52,8
Raramente	64	17,8
Não Sabe/Não Responde	11	3,1
Total	360	100

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Ao serem inquiridos sobre a utilidade dos empregados auxiliares, 52,8% responde serem úteis apenas algumas vezes, o que nos leva a pensar se as tarefas atribuídas a estes será a mais adequada no que respeita ao auxílio a prestar aos próprios alunos, para além das tarefas que lhes estão definidas em termos de Escola/Instalações/Organização.

Quadro nº 25 - Relação dos alunos inquiridos com os colegas

<i>Relação com os colegas</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Dentro da Escola		
Muito Boa	206	57,2
Boa	119	33,1
Média	25	6,9
Fraca	5	1,4
Não Sabe/Não Responde	5	1,4
Total	360	100
Fora da Escola		
Muito Boa	203	56,4
Boa	108	30,0
Média	33	9,2
Fraca	8	2,2
Não Sabe/Não Responde	8	2,2
Total	360	100

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Finalmente, no que respeita à relação dos alunos inquiridos com os colegas (Quadro nº 25), verificou-se que na sua maioria, os alunos inquiridos estabelecem com os colegas uma relação muito boa quer dentro do espaço escolar, quer fora dele.

Efectivamente, nas 360 respostas constatou-se haver um clima de grande relacionamento pessoal quer no espaço escolar quer fora deste pois cerca de 57% dos alunos afirmaram que tinha um relacionamento “muito bom” com os colegas. Esta situação poderá constituir um importante factor de estímulo para o prosseguimento de estudos.

III.3.1 - Caracterização da Amostra

Os inquéritos recebidos, validados e tratados referem-se a 238 encarregados de educação, número inferior às respostas obtidas dos alunos (360).

Em termos etários, podemos distribuir os encarregados de educação inquiridos, por 6 grupos. São eles:

Quadro nº 26 - Distribuição dos Encarregados de Educação por grupos etários

<i>Idade</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
< 30 anos	3	1,2
30 a 35 anos	44	18,4
36 a 40 anos	64	26,9
41 a 45 anos	66	27,8
46 a 55 anos	44	18,4
> 56 anos	6	2,6
Não Responde	11	4,7
Total	238	100

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

O grupo etário mais significativo é, como se pode observar no quadro acima exposto, o dos 41 aos 45 anos (27,8% - 66 casos), seguido pelo de 36 a 40 anos (26,9%). As idades mais jovens (< 30 anos) conjuntamente com os encarregados de educação com 56 e mais anos, são marginais (3,8%).

Quadro nº 27 - Distribuição dos Encarregados de Educação por sexo

<i>Sexo</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Masculino	63	26,5
Feminino	175	73,5
Não Sabe/Não Responde	-	-
Total	238	100

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

Relativamente à distribuição por sexo (Quadro nº 27) podemos verificar a preponderância das mulheres relativamente aos homens, 73,5% contra 26,5% respectivamente.

Quadro nº 28 - Relação de parentesco dos Encarregados de Educação com os alunos

<i>Grau de Parentesco</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Pai	63	26,5
Mãe	167	70,2
Avô/Avó	4	1,7
Outros	3	1,2
Não Sabe/Não Responde	1	0,4
Total	238	100

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

Quando inquiridos acerca de qual a relação de parentesco que estabelecem com o aluno, 70,2% dos encarregados de educação afirmou ser a mãe dos alunos e 26,5% o pai.

Quadro nº 29 - Vive com o seu educando?

<i>Vive com o seu Educando?</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Sim	235	98,7
Não	3	1,3
Não sabe/Não responde	-	-
Total	238	100

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

Dos 238 encarregados de educação inquiridos, 235 viviam com os seus educandos, o que é perfeitamente compreensível se atendermos à pouca idade média dos

alunos (14 anos), e à família tradicional que tanto marca o nosso país (pais, filhos e por vezes avós).

Quadro nº 30 - Desejos dos Encarregados de Educação relativamente ao prosseguimento de estudos dos seus educandos

<i>Continuar a Estudar</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Sim	235	98,7
Não	2	0,8
Não sabe/Não responde	1	0,5
Total	238	100

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

Relativamente ao desejo manifestado no prosseguimento dos estudos por parte dos seus educandos, ainda existem dois casos em que os próprios encarregados de educação não desejam que os seus educandos continuem a sua formação escolar. Este casos são díspares em termos de caracterização. Por um lado temos uma mãe com a 4ª classe, 37 anos, profissionalmente pertencendo ao grupo dos trabalhadores não qualificados e auferindo um rendimento líquido mensal que se inclui no escalão de 40 a 49 contos. Por outro trata-se de um pai com o 9º ano de escolaridade, 36 anos, pertencente ao grupo profissional de pessoal administrativo e similares e auferindo um rendimento mensal líquido que se insere na classe limitada por 140 e 199 contos.

III.3.2 - Origem sócio-económica dos Encarregados de Educação (Rendimento Mensal, Habilitações, e Profissão)

Quadro nº 31 - Rendimento mensal líquido dos Encarregados de Educação

<i>Rendimento</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentagem (%)</i>
Encarregado de Educação		
< 39 contos	26	10,9
40 a 49 contos	11	4,6
50 a 59 contos	24	10,1
60 a 79 contos	37	15,5
80 a 99 contos	23	9,7
100 a 139 contos	35	14,7
140 a 199 contos	23	9,7
200 a 249 contos	14	5,9
> 250 contos	19	8,0
Não Responde	26	10,9
Total	238	100

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

No que respeita ao rendimento mensal líquido dos encarregados de educação, verifica-se através da leitura do Quadro nº 31, que 50,8% destes afirma ganhar menos de 100 contos, o que se pode considerar manifestamente baixo se atentarmos ao facto de, em média, os agregados familiares serem compostos por 4 pessoas (Vd. Quadro nº 38). Por outro lado, apenas 38,3% ganha mais de 100 contos líquidos por mês. Destes só 8,0% auferem um ordenado superior a 250 contos/mês. No que toca a valores extremos (< 39 contos e > 250 contos) o escalão de rendimento mais baixo apresenta maior frequência do que o escalão superior (10,9% contra 8,0% respectivamente).

Quadro nº 32 - Habilitações Escolares dos Encarregados de Educação

<i>Habilitações</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Encarregado de Educação		
< 4ª classe	9	3,8
4ª classe	80	33,6
6º ano de escolaridade	50	21,0
9º ano de escolaridade	37	15,5
12º ano	26	10,9
Curso Médio	13	5,5
Curso Superior	21	8,8
Não Sabe/Não Responde	2	0,8
Total	238	100

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

No que se refere às habilitações escolares (Quadro nº 32), verifica-se que estas são bastante baixas, 37,4% tem no máximo a 4ª classe e 58,4% dos respondentes não estudou para além do 6º ano.

Apenas 8,8% concluiu curso superior, sendo que o mais observado é o de Engenharia (4 casos) seguido do de Letras (3 casos) e do de História (2 casos). Os restantes casos dividem-se pelos cursos de Gestão Hoteleira, Turismo, Contabilidade e Administração, Filosofia, Artes, Gestão/Economia, Arquitectura e Artes.

Quadro nº 33 - Profissão dos Encarregados de Educação

<i>Profissão</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
1. Desempregado	5	2,1
2. Reformado	8	3,4
3. Quadros superiores da Administração Pública, dirigentes e quadros superiores de empresas	21	8,8
4. Especialistas de profissões intelectuais e científicas	19	7,9
5. Técnicos e profissionais de nível intermédio	27	11,3
6. Pessoal Administrativo e similares	22	9,2
7. Pessoal dos serviços e vendedores	30	12,6
8. Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	3	1,2
9. Operários, artífices e trabalhadores similares	18	7,6
10. Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem	4	1,6
11. Trabalhadores não qualificados	9	3,8
12. Doméstico/a	70	29,4
Não sabe/Não responde	2	0,8
Total	238	100

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

Quanto à profissão dos respondentes (Quadro nº 33), verifica-se que as domésticas, em conformidade com o que referimos acerca dos sexos, constituem o grupo mais representativo com 29,4%. Segue-se o grupo do “Pessoal dos serviços e vendedores” com 12,6%; “Técnicos e profissionais de nível intermédio” com 11,3%; “Pessoal administrativo e similares” com 9,2%; “Quadros superiores da Administração Pública, dirigentes e quadros superiores de empresas” com 8,8% e “Operários, artífices e trabalhadores similares” que atinge 7,6%. As demais profissões atingem 12,9%.

Quadro nº 34 - Acompanhamento dos estudos dos educandos

<i>Ajuda</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Muitas Vezes	128	53,8
Algumas Vezes	94	39,5
Raramente	14	5,9
Não Sabe/Não Responde	2	0,8
Total	238	100

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

Em termos de acompanhamento da actividade escolar dos educandos, 53,8% afirma acompanhar muito frequentemente os estudos do(s) seu(s) educandos, enquanto que 39,5% refere acompanhar algumas vezes os referidos estudos.

Quadro nº 35 - Comparência às reuniões convocadas pelos Directores de Turma

<i>Ida às Reuniões</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Muitas Vezes	156	65,5
Algumas Vezes	61	25,6
Raramente	20	8,4
Não Sabe/Não Responde	1	0,4
Total	238	100

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

No que diz respeito à presença nas reuniões convocadas pelos Directores de Turma, regista-se com agrado uma certa adesão dos encarregados de educação, pois estes, na sua maioria (65,5%) costumam ser assíduos às ditas reuniões.

Quadro nº 36 - Importância das reuniões convocadas pelos Directores de Turma

<i>Reuniões Importantes?</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Sim	230	96,6
Não	5	2,1
Não sabe/Não responde	3	1,3
Total	238	100
Porquê?		
Saber/Acompanhar educando	165	69,3
Acompanhar educando /Explicações do Dir. Turma; Opinião dos outros pais	22	9,2
Ligação Família-Escola	14	5,9
Só Dizem o que sabemos	1	0,4
Não Sabe/Não Responde	36	15,2
Total	238	100

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

Quando inquiridos acerca da utilidade das mesmas, 96,6% considera-as importantes pois, segundo 69,3% dos inquiridos, permitem-lhes acompanhar o percurso escolar dos seus educandos, auscultar os problemas/opiniões dos outros encarregados de educação (9,2%) e sensibilizam-nos ainda para uma maior ligação família-escola (5,9%).

Quadro nº 37 - Existência de um local sossegado em casa

<i>Local Sossegado em casa</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Sim	226	95,0
Não	10	4,2
Não Sabe/Não Responde	2	0,8
Total	238	100%

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

Em termos de condições de local de estudo dos educandos, é importante destacar que praticamente a totalidade dos encarregados de educação (95%), considera possuir em casa um local que permita aos seus educandos estudar em sossego.

Quadro nº 38 - Agregado familiar

<i>Agregado Familiar</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
3	54	22,7
4	108	45,4
5	37	15,5
Outros	39	16,4
Não sabe/Não responde	2	0,8
Total	238	100%

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

Relativamente ao agregado familiar (Quadro nº 38), como já foi anteriormente referido, o mais comum é o composto por quatro pessoas (45,4%), seguido do agregado composto por três pessoas (22,7%).



Quadro nº 39 - Classificação das razões que poderão motivar o abandono escolar para os Encarregados de Educação

<i>Razão</i>	<i>1-S/Imp.</i>	<i>2-P.Imp.</i>	<i>3-Imp.</i>	<i>4-M.Imp.</i>	<i>NS/NR</i>
1.Os professores faltam muito	13	7,6	16,4	26,9	36,1
2.O seu filho/educando não gosta de estudar	8,4	4,2	17,6	31,1	38,7
3.Prefere que o seu filho/educando vá trabalhar	39,5	6,3	4,6	6,3	43,3
4.Tem dificuldades financeiras	15,5	11,8	15,5	18,1	39,1
5.Julga que não são necessários tantos estudos	18,1	7,1	12,2	18,9	43,7
6.O que se aprende não serve para nada	20,2	8,4	8	20,2	43,3
7.O seu filho/educando reprovou muitas vezes	26,1	6,7	10,1	13,4	43,7
8.Não gosta da forma como a matéria é exposta	12,2	12,6	21,0	12,2	42
9.Condições físicas da escola	10,5	10,1	18,9	19,7	40,8
10.Outros					
Más influências	-	-	-	0,4	99,6
Motivações por parte dos professores	-	-	-	0,4	99,6
Alunos desejarem ser independentes	-	-	-	0,4	99,6
Falta de Disciplina	-	-	-	0,4	99,6
Falta de Segurança	-	-	-	0,4	99,6

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

Nota: A escala utilizada é a seguinte: 1 - Sem importância; 2 - Pouca importância; 3 - Importante; 4 - Muito importante.

Da análise ao quadro anterior acerca dos motivos que na opinião de cada encarregado de educação poderão contribuir para o abandono dos estudos, verifica-se, e ao contrário do que sucede nas respostas dos alunos, que os primeiros estimam como razão preponderante para o abandono da escola, o absentismo dos professores (26,9% classifica com uma nota de 4 na escala de 1 a 4). De igual forma dão muita importância ao facto de o próprio aluno não gostar de estudar (31,1% classifica com nota 4). Os encarregados de educação financeiramente mais carenciados admitem que os seus educandos contribuam para o sustento da casa (18,1% classifica com nota 4). As

condições físicas da escola também são consideradas um requisito muito importante para influenciar as crianças a abandonarem a escola (19,7%).

Quadro nº 40 - Caracterização da Escola do educando

Razão	Existente (%)					Desejada (%)				
	<i>1- Frc.</i>	<i>2- Méd.</i>	<i>3- Bom</i>	<i>4-M. Bom</i>	<i>NS/ NR</i>	<i>1- Frc.</i>	<i>2- Méd.</i>	<i>3- Bom</i>	<i>4-M. Bom</i>	<i>NS/ NR</i>
1. Localização	9,7	23,9	38,7	15,5	12,2	0,4	1,7	16,4	45,4	36,1
2. Instalações	7,1	37,8	34,0	8,0	13,0	-	0,8	19,7	44,1	35,3
3. Segurança	29,4	33,6	18,1	5,9	13,0	-	2,1	12,2	54,6	31,1
4. Horários	4,6	26,9	45,0	10,9	12,6	-	2,1	20,2	42,9	34,9
5. Desportos	19,3	28,6	31,9	6,7	13,4	0,4	1,3	25,6	39,1	33,6
6. Exposições	31,1	31,9	18,5	3,4	15,1	0,8	5,5	25,6	33,2	34,9
7. Conferências	36,1	24,8	12,6	4,2	22,3	0,8	7,1	25,6	32,4	34,0
8. Visitas de Estudo	28,2	33,6	19,3	5,5	13,4	0,4	2,5	20,6	42,9	33,6
9. Biblioteca	6,3	23,1	43,7	12,6	14,3	0,4	1,3	18,5	44,5	35,3
10. Centro de Recursos	19,7	23,1	26,9	10,5	19,7	0,4	1,3	17,2	45,4	35,7
11.Outros										
Acessos Perigosos	-	-	-	0,8	99,2	-	-	-	-	100
Falta de Disciplina	-	-	-	0,8	99,2	-	-	-	-	100

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

Nota: A escala utilizada é a seguinte: 1 - Fraco; 2 - Médio; 3 - Bom; 4 - Muito Bom; NS/NR - Não sabe/Não responde.

Relativamente à caracterização da escola (Quadro nº 40) destacam-se, por ordem decrescente de importância os horários, a biblioteca, a localização, o centro de recursos e os desportos (todos estes maioritariamente com nota 3). Relativamente às instalações, segurança, exposições e visitas de estudo, a classificação cifra-se em 2 o que já se torna grave se atentarmos ao facto de estarem em causa factores muito importantes tais como as instalações e a segurança que, sem menosprezar a importância dos restantes, contribuem fortemente para o desenvolvimento do jovem e que poderão influenciar, positiva ou negativamente, a decisão do jovem prosseguir ou não os estudos.

Apesar de não se encontrarem totalmente satisfeitos com nenhum dos itens, é de realçar que a grande maioria deseja conscientemente, para os seus educandos, o melhor,

em todas as características. A comparação das características existentes com as desejadas leva-nos a concluir que os encarregados de educação estão descontentes com a escola dos seus filhos/educandos.

Quadro nº 41 - Caracterização dos professores do educando

Razão	Existente (%)					Desejada (%)				
	1-S/ Imp	2-P/ Imp	3- Imp.	4-M/ Imp	NS/ NR	1-S/ Imp	2-P/ Imp	3- Imp	4-M/ Imp	NS/ NR
1. Competência	5,0	5,0	43,7	27,3	18,9	0,8	0,8	8,0	52,9	37,4
2. Justiça	3,8	12,6	41,6	22,7	19,3	0,4	2,1	11,8	50,8	34,9
3. Exigência	2,5	11,8	49,2	18,1	18,5	0,4	1,7	19,3	42,9	35,7
4. Pontualidade	3,8	12,6	41,2	24,4	18,1	0,4	0,8	14,7	48,7	35,3
5. Afabilidade	3,8	12,6	43,3	19,7	20,6	0,4	1,7	19,7	42,0	36,1
6. Flexibilidade	2,9	14,3	47,9	13,9	21,0	0,0	2,9	21,0	39,5	36,6
7. Assiduidade	2,5	9,7	39,5	27,3	21,0	0,8	0,4	10,1	54,6	34,0
8. Compreensão	2,1	10,1	37,4	30,7	19,7	0,4	0,8	10,1	53,8	34,9
9. Empenhamento	2,1	8,4	35,3	32,4	21,8	0,8	0,0	10,5	52,9	35,7
10. Outras										
Disciplina	-	-	-	0,4	99,6	-	-	-	0,8	99,2

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

Nota: A escala utilizada é a seguinte: 1 - Sem importância; 2 - Pouca importância; 3 - Importante; 4 - Muito importante. No caso das colunas incluídas na rubrica "Existente" a palavra "importância" deverá ser entendida como satisfação.

Da análise do quadro acima acerca das qualidades, que na opinião de cada encarregado de educação são mais importantes nos professores de seus educandos, nomeadamente competência, justiça, exigência, pontualidade, afabilidade, flexibilidade, assiduidade, compreensão e empenhamento, a maioria atribuiu, para todos os casos, a classificação de 3. Apesar da referida classificação dos professores ser positiva, seria desejável que este valor fosse 4.

Os responsáveis da educação, bem como os professores deverão questionar-se acerca da sua conduta, do seu desempenho e da sua atitude perante a Escola bem como perante os alunos. Não nos podemos esquecer que ser professor significa preparar,

transmitir, ensinar, educar, encaminhar, donde quem escolhe este caminho, esta vida deverá fazê-lo com dedicação e espírito de sacrifício, e não por ser uma das muitas fugas ao desemprego. Os professores preparam os Homens de amanhã, logo seria desejável que a classificação atribuída pelos encarregados de educação aos professores dos seus filhos fosse a máxima, tal como acontece quando inquiridos acerca das qualidades desejadas, em que a maioria atribui 4 para todas as características.

Quadro nº 42 - Utilidade dos empregados auxiliares na opinião dos Encarregados de Educação

<i>Empregados Auxiliares úteis?</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Muitas Vezes	82	34,5
Algumas Vezes	94	39,5
Raramente	20	8,4
Não Sabe/Não Responde	42	17,1
Total	238	100%

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

No que concerne à avaliação do papel dos empregados auxiliares, e tal como acontece com os alunos, a maioria dos encarregados de educação também desvaloriza a função por estes desempenhada. Inquiridos sobre a utilidade dos mesmos, 39,5% responde só serem úteis algumas vezes, sendo que as não respostas atingem os 17,1%.

Conclusões

O tema abordado neste trabalho não é novo e, pelo contrário, tem sido objecto de inúmeros estudos, seminários, foruns e simpósios. Contudo, trata-se de um problema real e com consequências graves e funestas, quer para o próprio indivíduo que ao ser excluído do processo de aprendizagem não será munido das competências, capacidades e saberes que lhes permitirão contribuir activamente para o progresso da sociedade em que vive, quer para a sociedade, a qual para evoluir e para se desenvolver, terá de contar com o esforço e com os conhecimentos de todos os seus membros.

Conforme foi referido na parte teórica deste trabalho, Denison (entre outros) provou que a educação contribui efectivamente para o crescimento económico. Por outro lado, é sabido que a insuficiente preparação escolar resultante da desigualdade originada pelos que são vítimas do Insucesso Escolar ou do Abandono Escolar Prematuro contribui para o aparecimento de problemas sociais, porque o potencial de desenvolvimento duma sociedade não depende única e exclusivamente de quem lidera, mas das capacidades e conhecimentos de todos os seus membros.

Cada vez mais se tem vindo a verificar que o problema do abandono escolar prematuro não se cinge unicamente aos alunos. Tornou-se necessário trazer para a cena educativa outros protagonistas tais como os funcionários da escola (professores e pessoal auxiliar), familiares dos alunos, autarcas, empresários, colectividades e personalidades várias. Por outro lado, torna-se cada mais vez claro que não se pode caracterizar o insucesso escolar de uma forma única e fechada, ou seja, as suas causas variam de local para local, de região para região, da mesma forma que variam de aluno para aluno. Não podemos cingir as causas do insucesso, e de uma forma mais restrita do abandono escolar prematuro, a uma única teoria, a um único modelo. Todas as teorias e

modelos apresentam argumentos válidos a ter em atenção quando se estuda um problema com consequências imprevisíveis como as do Abandono Escolar Prematuro.

O lançamento de inquéritos, bem como o seu tratamento estatístico só têm significado se conseguirmos retirar conclusões que possam de alguma forma contribuir para a melhor compreensão do problema em estudo.

Era nossa intenção inquirir, nas escolas seleccionadas, os alunos que ainda estudam, seus encarregados de educação e alunos que abandonaram a escola antes de finalizarem a escolaridade obrigatória. Contudo, apesar de variados esforços, não foi possível obter as respostas dos alunos que já abandonaram a escola, o que desde já demonstra um corte radical destes últimos com a instituição. Este facto dificultou, em parte, o estudo se tivermos em conta que a intenção inicial se prendia com a tentativa de percepção dos motivos que levaram os alunos a abandonarem a escola, bem como dos motivos que poderão levar os alunos que ainda estudam a abandoná-la, comparando, no fim ambos os motivos e tentando estabelecer um ponto comum.

No que diz respeito às respostas dos alunos que ainda estudam, verificámos, através das respostas aos inquéritos que as principais razões invocadas pelas crianças que gostariam de mudar de escola, prendem-se em primeiro, lugar com a **falta de segurança**, com o facto das crianças **não gostarem da escola/colegas**, o que demonstra um clima de insatisfação e de desagrado dos alunos no espaço onde diariamente têm de viver, aprender, crescer, brincar, conviver, etc(...).

É necessário tornar a escola um espaço estimulante, agradável, sadio, onde as crianças gostem de estar, pois é ali que vão passar grande parte da sua infância (pelo menos 9 anos obrigatoriamente).

Quando inquiridos acerca dos principais motivos que poderão conduzir ao abandono escolar prematuro, os alunos referem **como razão principal o facto de não**

gostarem de estudar. Como razões muito importantes referem ainda **as dificuldades financeiras dos seus pais, o facto dos seus pais não desejarem que prossigam os estudos, as condições físicas da escola.** Verificámos, através das respostas obtidas, que **os programas escolares estão, na opinião dos respondentes, desfasados da realidade** o que poderá ser uma causa determinante da falta de estímulo com que os alunos se apresentam na Escola.

Relativamente à caracterização da Escola verificamos **o descontentamento dos alunos com factores tão importantes como as Instalações e a Segurança.** De igual modo os alunos mostraram-se descontentes com as Exposições e com as Conferências, relativamente aos restantes itens, nunca se verifica um total contentamento com a Escola actual. **Contudo, quando inquiridos acerca da Escola desejada, os alunos revelam querer mais e melhor relativamente a todos os aspectos.**

O Espaço-Escolar deverá ser repensado por forma a permitir ao aluno integrar-se totalmente, sentindo que a Escola lhe fornece todas as condições necessárias e suficientes para prosseguir os seus estudos.

Quando se pronunciam acerca das qualidades dos seus professores, verificamos que **apesar dos alunos estarem “aparentemente”, na sua maioria satisfeitos com os professores, é de salientar o facto de desejarem mais e melhor relativamente às características existentes.**

Por fim, verifica-se que a função dos empregados auxiliares não está a ser desempenhada da forma mais desejável.

No que concerne aos encarregados de educação, verifica-se que estes consideram como razões muito importantes para conduzir ao abandono escolar prematuro, tal como os alunos, o facto dos seus **filhos/educandos não gostarem de estudar, a reduzida assiduidade dos professores, as condições físicas da escola, as dificuldades**

financeiras sentidas ao nível familiar, bem como a **desadequação dos programas escolares à realidade existente**. Referem ainda o facto dos alunos serem confrontados com **más influências, falta de motivação dos professores, falta de disciplina e falta de segurança**. É de salientar que **ao contrário dos alunos, os encarregados de educação culpabilizam os professores, devido ao elevado absentismo destes últimos**. Este factor pode causar um **desinteresse dos seus filhos/educandos e conduzi-los até ao desejo do abandono prematuro da escola**.

A **Escola**, nomeadamente no que respeita a localização, instalações, segurança, horários, desportos, exposições, conferências, visitas de estudo, biblioteca, centro de recursos, acessos e disciplina, **é também causa de descontentamento dos encarregados de educação**.

As principais causas do Abandono Escolar Prematuro residem na falta de condições económicas, sociais e culturais dos alunos/encarregados de educação bem como nas condições da Escola e no desempenho dos professores.

Considerações Finais

Concluir a presente tese não significa, de modo algum, encerrá-la. Toda a bibliografia consultada, participação em encontros de técnicos de Educação e trabalho de reflexão nos apontam pistas para impedir a escalada do Insucesso Escolar através do enquadramento de medidas de prevenção adequadas.

Há que repensar hoje e sempre a Escola, porque o progresso tecnológico, vertiginoso, bem como as descobertas surpreendentes das Ciências Exactas, são centro privilegiado da atenção dos jovens.

Os jovens são alunos da Escola e do Mundo e da Geração em que vivem. Têm da vida uma concepção prática, funcional, imediata. Inquirem-se sobre o pragmatismo de determinadas aprendizagens.

Não defendemos que seja subestimado o valor do labor conceptual, já que ele representa o substrato de todo o desempenho, mas parece-nos, do senso comum, que não será aconselhável valorizar a conceptualização em detrimento da aquisição dos saberes práticos. Há que adequar o pensamento e o tempo e integrar, neste esforço de renovação, todos, em especial, os educadores, que, grosso modo na qualidade de adultos, são menos permeáveis à mudança.

As experiências inéditas, de algumas Escolas, de ligação ao Meio e com suporte de, autarquias, Câmaras, empresas e famílias já começam a dar resultados positivos e são encorajantes para aquelas outras onde persistem os velhos padrões de escolaridade, que alguns pais ainda recordam.

A mediatização da informação é célere, ajusta e desajusta conceitos, outrora inquestionáveis, mas não tem alterado substancialmente o relacionamento do jovem,

quando finda a escolaridade integra o mercado de trabalho. Aí ele é uma mais valia da qual se espera produtividade e rentabilidade.

O empregador exige do subalterno, a garantia do cumprimento dos valores tradicionalmente aceites - cumprimento das tarefas, pontualidade, empenhamento e acima de tudo disponibilidade. O papel da Escola, como agente de sociabilização, tem que perdurar, ensinando os jovens a aprender, a adquirir a capacidade de adaptabilidade a novas situações.

A problemática do Insucesso Escolar - Abandono Escolar Prematuro é, pois, complexa porque não se confina à Escola e, directa ou indirectamente atinge todo o tecido social.

Bibliografia

- Almeida, João Ferreira de; Costa, António Firmino da; Machado, Fernando Luís; Nicolau, Isabel; e Reis, Elizabeth (1994), *Exclusão Social - Factores e Tipos de Pobreza em Portugal*, Oeiras: Celta Editora.
- Almeida; Élia Pereira de; Santos, Maria Odete (1990), *Abandono Escolar - Série B: Dinâmica do Sistema Educativo*, Lisboa: Ministério da Educação (Gabinete de Estudos e Planeamento).
- Azevedo, Joaquim; Castanheira, Maria Emilia (1994), *Estudo sobre as estratégias para aumentar e melhorar a progressão dos jovens na formação profissional inicial*, Programa PETRA, Lisboa.
- Azevedo, Joaquim (1994), *Estudo Sobre As Condições De Inserção Precoce De Jovens No Mercado De Trabalho Na Região Do Norte*, Universidade Católica.
- Lages, Mário F. (1995), *O Quadro Familiar E Escolar Do Abandono Precoce Do Sistema De Ensino*, Seminário sobre a "Inserção precoce dos Jovens no Mercado do Trabalho, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa, 12-13 de Janeiro.
- Benavente, Ana, (1991), *Insucesso Escolar no Contexto Português.*// In: Ciências da Educação em Portugal: situação actual e Perspectivas, Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.



- **Benavente, Ana** (1990), *Escola, Professores e Processos de Mudança*, Lisboa: Livros Horizonte.
- **Benavente, Ana; Capiche, Jean; Seabra, Teresa; Sebastião, João**, *Remunciar à Escola-O Abandono Escolar no Ensino Básico*, Lisboa
- **Chitas, Paulo** (1995), *Um Dia a Escola Vem Abaixo*, Visão, 104, pp.16 e 62-68;
- **Clímaco, Maria do Carmo** (1995), *Observatório da qualidade da Escola - Guião organizativo*, Lisboa: Ministério da Educação - Programa de Educação Para Todos.
- **Direcção Regional de Educação de Lisboa** (1992), *Guia da Reforma Curricular - Documento de Trabalho*, Lisboa: Texto Editora.
- **Comissão Europeia** (1995), *Os Números-Chave da Educação na União Europeia*, Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.
- **EURYDICE** (1995), *A luta contra o insucesso escolar. Um desafio para a construção europeia*, Lisboa: Ministério da Educação (Departamento de Programação e de Gestão Financeira) e Programa de Educação Para Todos
- **Ferrão, J.** (1995), *Caracterização Regional dos Factores de Abandono e Insucesso Escolar nos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico*, Lisboa: Ministério da Educação.

- **Féron, François; Thoraval, Armelle** (1992), *L'Etat de L'Europe*, Paris: Éditions La Découvert.
- **Ministério da Educação - Programa de Educação Para Todos**, (1996), *Contra a Exclusão Escolar - Educação Para Todos*, Lisboa: Ministério da Educação.
- **Neno, Pinho** (1987), *Causas do Insucesso Escolar no Ensino Secundário*, Lisboa: Confederação Nacional das Associações de Pais.
- **São Pedro, Maria Emília; Castanheira, Carmen** (1989), “*Que população escolar? A origem socioeconómica do aluno e o sucesso escolar*”, Lisboa: Ministério da Educação (Gabinete de Estudos e Planeamento).
- **São Pedro, Maria Emília; Baptista, Maria de Lurdes** (1992), *O Impacto Económico da Educação sobre a Produtividade do Trabalho*, Lisboa: Ministério da Educação (Gabinete de Estudos e Planeamento).
- **Proc. 06/11/9465** (1989), *A Resposta Escolar Das Crianças De Um Bairro Degradado - Estudo das variáveis psicológicas e sociológicas associadas ao aproveitamento escolar das crianças do Bairro da Musgueira Sul*, Lisboa: LNEC.
- **Härnqvist, Kjell** (University of Göteborg - Sweden) (1978), *Individual Demand For Education-Analytical Report*, Paris: Organisation For Economic Co-operation And Developmente.

- **Iturra, Raul** (1990), *Fugirás à Escola para trabalhar a terra-Ensaio de Antropologia Social sobre o Insucesso escolar*, Lisboa: ESCHER.
- **Pereira de Almeida, Élia; Santos, Maria Odete** (1990), *Abandono Escolar*, Lisboa: Ministério da Educação e Gabinete de Estudos e Planeamento.
- **Pereira de Almeida, Élia; Ramos, Filomena** (1992), *Insucesso e Abandono Escolar*, Lisboa: Ministério da Educação e Gabinete de Estudos e Planeamento.
- **Tavares, M. M. V.** (1990), *Abandono escolar: um contributo para o seu estudo no nosso país*. Dissertação de mestrado em Sociologia. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa.

ANEXO 1

RESOLUÇÃO

DO CONSELHO E DOS MINISTROS DA EDUCAÇÃO REUNIDOS NO SEIO DO CONSELHO

de 14 de Dezembro de 1989

relativa à luta contra o insucesso escolar

(90/C 27/01)

O CONSELHO E OS MINISTROS DA EDUCAÇÃO REUNIDOS NO SEIO DO CONSELHO.

Convictos de que a elevação do nível geral de formação é uma das principais condições para o desenvolvimento económico, social e cultural, bem como para o verdadeiro exercício da democracia e convictos de que uma formação de qualidade deverá permitir a qualquer indivíduo aceder à autonomia e à prática da sua qualidade de cidadão, bem como encontrar as vias da sua inserção social e profissional; Constatando que o insucesso escolar continua a afectar na Europa um número demasiado grande de alunos, em particular as crianças dos meios social e culturalmente desfavorecidos; que constitui um fenómeno grave a nível individual e colectivo; que conduz a um fracasso individual nos planos psicológico e social e implica um custo económico considerável para os estados e para a Comunidade;

Persuadidos da necessidade de reforçar os meios existentes para lutar contra o insucesso escolar, procurando o melhor desenvolvimento das capacidades de cada um;

Conscientes de que o desenvolvimento da dimensão multicultural nos sistemas educativos permitirá lutar mais eficazmente contra o insucesso escolar;

Tendo em conta:

- a resolução de 9 de Fevereiro de 1976 que estabelece um programa de acção em matéria de educação e, em especial, a parte relativa à concretização de uma igualdade de oportunidades com vista ao pleno acesso a todas as formas de ensino,
- as conclusões do Conselho e dos ministros da Educação reunidos no seio do Conselho, em 14 de Maio de 1987, relativas ao insucesso escolar e à luta contra o analfabetismo,

- os resultados dos projectos-piloto desenvolvidos no âmbito dos programas relativos à passagem dos jovens da educação para a vida activa.

Tomando nota:

- da comunicação da Comissão sobre a educação e a formação na Comunidade Europeia: linhas directrizes a médio prazo (1989/1992),
- do estudo efectuado, a pedido da Comissão, sobre o sucesso e o insucesso escolares na Europa, que demonstra a relação existente entre o nível sociocultural e o sucesso escolar, bem como o aspecto multidimensional das acções destinadas a reduzir o insucesso escolar,

ADOPTARAM A PRESENTE RESOLUÇÃO:

1. Os Estados-membros, no âmbito das respectivas políticas educativas e das suas estruturas institucionais, esforçar-se-ão por combater o insucesso escolar de forma intensiva e por orientar as suas acções numa das direcções a seguir especificadas:

- 1.1. Aprofundar o conhecimento do fenómeno e das suas causas, tanto as inerentes ao sistema educativo como as externas;
- 1.2. Diversificar as estratégias e os métodos propostos;
- 1.3. Reforçar a escolaridade pré-primária, que contribui, especialmente para as crianças dos meios desfavorecidos, para uma melhor escolaridade posterior;
- 1.4. Adaptar o funcionamento do sistema escolar, nomeadamente através:

- da renovação dos conteúdos, materiais de apoio e métodos de ensino e de avaliação,
- da aplicação de pedagogias diferenciadas,
- da melhoria e da diversificação dos ritmos escolares,
- da redução das rupturas estruturais ou funcionais, mediante:
 - a descompartimentação e a interdisciplinaridade,
 - a continuidade educativa de um ano para o outro, de um ciclo para o seguinte,
 - uma melhor orientação dos alunos em função dos seus gostos e capacidades,
 - a organização de «pontes» entre cursos diferentes,
 - da aplicação de modalidades de ajuda individualizadas (apoio, assistência tutorial),
 - da diversificação das formas de distinção, de nível equivalente, no final da escolaridade obrigatória ou no final do ensino secundário e dos percursos conducentes à obtenção de certificação correspondente,
 - do trabalho em equipa dos profissionais do ensino,
 - de uma melhor formação inicial e contínua desses profissionais do ensino, bem como de apoio de carácter geral para o desempenho da sua missão,
 - da melhoria da gestão dos estabelecimentos,
 - do desenvolvimento do ensino das línguas e culturas das crianças de origem comunitária ou estrangeira;

1.5. Reforçar:

- a tomada em consideração, por parte da escola, do contexto cultural, social e económico,
- a abertura da escola ao exterior,
- a articulação com os meios socioprofissionais;

1.6. Organizar a complementariedade entre acção escolar e acção circun-escolar, tendo especialmente em conta os factores que condicionam os resultados escolares (saúde, família, desportos, tempos livres):

1.7. Reforçar selectivamente os recursos educativos escolares e circun-escolares destinados aos públicos mais desfavorecidos, mediante:

- pessoal mais qualificado,
- recursos materiais reforçados;

1.8. Mobilizar, num esforço colectivo, os técnicos do ensino e todos os responsáveis a nível local para esta questão;

1.9. Difundir informações sobre os modos de actuação e as realizações concretas;

1.10. Implementar ou reforçar uma formação específica das pessoas envolvidas, quer pertençam ou não ao sistema educativo.

2. O Conselho e os ministros da Educação, reunidos no seio do Conselho, tomam conhecimento de que a Comissão:

- difundirá amplamente o relatório sobre o sucesso e o insucesso escolares na Europa logo que se encontre redigido na sua versão definitiva,
- apresentará, logo que possível, o relatório global sobre o insucesso escolar na Comunidade, solicitado pelo Conselho e pelos ministros da Educação reunidos no seio do Conselho nas suas conclusões de 14 de Maio de 1987,
- contribuirá com toda a assistência necessária e desempenhará plenamente o seu papel de catalisador em matéria de cooperação. As propostas da Comissão nesta matéria serão analisadas pelo Comité da Educação.

Neste contexto, para contribuir para a luta dos Estados-membros contra o insucesso escolar, poder-se-ão prever diversas acções comunitárias, nos seguintes sectores:

- organização de trocas de informação entre os Estados-membros sobre as políticas e as práticas vigentes;
- com efeito, os responsáveis pela Educação deveriam conhecer melhor as políticas em vigor nos Estados-membros. Em colóquios e reuniões de trabalho, poderiam vantajosamente confrontar as experiências efectuadas nos doze países, para delas tirar partido no plano nacional,
- além disso, os professores, investigadores e outras pessoas envolvidas poderiam participar em visitas *in loco* que lhes permitissem recolher informações sobre as práticas inovadoras iniciadas nos diferentes países,
- realização, por peritos, de estudos aprofundados:
- estudos de caso sobre situações representativas dos progressos característicos da política educativa dos Estados-membros,
- estudos temáticos de carácter transversal.

ANEXO Nº 2 - ALUNOS QUE AINDA ESTUDAM

Instruções

- a) Este inquérito tem como objectivo principal compreender as razões que levam alguns alunos a abandonarem a escola precocemente. Não se pretende fazer juízos de valor, tenta-se sim, verificar de uma forma não empírica quais os verdadeiros motivos que levam ao abandono precoce do sistema educativo.
- b) Por favor responda a todas as perguntas deste questionário.
- c) No caso em que a sua resposta é uma de entre várias que são propostas, assinale com um X aquela(s) que lhe diz(em) respeito.
- d) Não escreva o seu nome porque o inquérito é anónimo.
- e) Responda com VERDADE.
- f) Muito obrigado pela sua colaboração.
-

1. Distrito onde reside _____

2. Concelho onde reside _____

3. Concelho onde nasceu _____

4. Escola que frequenta _____

5. Data de nascimento _____

6. Sexo: Masculino ☐ Feminino ☐

7. Ano que frequenta _____

8. Horário: Manhã ☐ Tarde ☐

9. Tenciona continuar a estudar ? Sim ☐

 Não ☐

 Não sabe ainda ☐

10. Se vai continuar a estudar, pretende continuar na mesma Escola ?

 Sim ☐

 Não ☐

11. Se respondeu não, indique o motivo porque pretende mudar de Escola ? _____

12. Na sua opinião, indique quais os motivos que influenciam a decisão de não continuar a estudar.

(Utilize, para cada uma das opções, a seguinte escala: 1- Sem Importância; 2- Pouca Importância; 3- Importante; 4- Muito Importante)

- Os professores faltam muito ☐
- Não gosta de estudar ☐
- Prefere ir trabalhar ☐
- Os seus pais não querem que continue a estudar ☐
- Os seus pais têm dificuldades financeiras ☐
- Julga que não são necessários tantos estudos ☐
- O que se aprende não serve para nada ☐
- Reprovou muitas vezes ☐
- Não gosta da forma como a matéria é exposta ☐
- Condições físicas da escola ☐
- Outros _____ ☐

13. Que classificação obteve no último ano lectivo ? _____

14. Já alguma vez reprovou ?

Não ☐

Sim ☐

Quantas vezes ? 2º Ano _____

3º Ano _____

4º Ano _____

5º Ano _____

6º Ano _____

7º Ano _____

8º Ano _____

15. Os seus pais/encarregados de educação costumam acompanhar os seus estudos ?

Muitas Vezes ☐

Algumas Vezes ☐

Raramente ☐

16. Os seus pais/encarregados de educação costumam ir às reuniões convocadas pelos Directores de Turma ?

Muitas Vezes ☐

Algumas Vezes ☐

Raramente ☐

17. Tem alguém que o ajude a estudar ?

Sim ☐

Não ☐

Quem ? _____

18. Na sua casa existe um local onde possa estudar com sossego ?

Sim ☐

Não ☐

19. Tem irmãos ?

Sim ☐

Não ☐

Quantos ? _____

20. Quantas pessoas vivem habitualmente consigo (incluindo-o a si)? _____

21. Quais as habilitações dos seus pais/encarregado de educação?

PAI

MÃE

- | | | |
|---|--------------------------|--------------------------|
| - Não sabe ler nem escrever, ou não tem a 4ª classe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Tem a 4ª classe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Ciclo preparatório (6º ano de escolaridade) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Curso geral do Ensino Secundário (9º ano de escolaridade) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Curso Complementar do Ensino Secundário (12º ano) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Curso Médio | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Curso Superior | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

Qual ? _____

22. Qual a profissão do pai ? _____

23. Qual a profissão da mãe ? _____

24. Qual o rendimento mensal líquido dos seus pais ?

PAI

MÃE

- | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| - Menos de 39 contos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Entre 40 e 49 contos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Entre 50 e 59 contos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Entre 60 e 79 contos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Entre 80 e 99 contos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Entre 100 e 139 contos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Entre 140 e 199 contos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Entre 200 e 249 contos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Mais do que 250 contos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

25. Quais as actividades que ocupam os seus tempos livres ?

26. Caracterize, na primeira coluna, a sua Escola, de acordo com a escala e a lista abaixo indicadas. Indique, também, na segunda coluna, como desejaria que a sua Escola fosse, usando os mesmos critérios.

(Utilize, para cada uma das opções, a seguinte escala: 1- Fraco; 2- Médio; 3- Bom; 4- Muito Bom)

- | | <u>Existente</u> | <u>Desejada</u> |
|---|--------------------------|--------------------------|
| - Localização | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Instalações | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Segurança | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Horários | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Desportos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Exposições | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Conferências | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Visitas de Estudo | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Biblioteca | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Centro de Recursos (informática, videoteca, etc.) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Outras _____ | | |

27. Caracterize, na primeira coluna, as qualidades que, em sua opinião, são mais importantes nos seus professores. Indique, também, na segunda coluna, as qualidades que desejaria que os seus professores tivessem.

(Utilize, para cada uma das opções, a seguinte escala: 1- Sem Importância; 2- Pouca Importância; 3- Importante; 4- Muito Importante)

	<u>Verificadas</u>	<u>Desejadas</u>
- Competência	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Justiça	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Exigência	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Pontualidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Afabilidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Flexibilidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Assiduidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Compreensão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Empenhamento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Outras _____		

28. Considera que os empregados auxiliares da sua escola são úteis aos alunos ?

Muitas Vezes ☐ Algumas Vezes ☐ Raramente ☐

29. A sua relação com os seus colegas é:

	<u>Dentro da Escola</u>	<u>Fora da Escola</u>
Muito Boa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Boa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Média	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fraca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

ANEXO Nº 3 - ALUNOS QUE JÁ ABANDONARAM A ESCOLA

Instruções

- a) Este inquérito tem como objectivo principal compreender as razões que levam alguns alunos a abandonarem a escola precocemente. Não se pretende fazer juízos de valor, tenta-se sim, verificar de uma forma não empírica quais os verdadeiros motivos que levam ao abandono precoce do sistema educativo.
 - b) Por favor responda a todas as perguntas deste questionário.
 - c) No caso em que a sua resposta é uma de entre várias que são propostas, assinale com um X aquela(s) que lhe diz(em) respeito.
 - d) Não escreva o seu nome porque o inquérito é anónimo.
 - e) Responda com VERDADE.
 - f) Muito obrigado pela sua colaboração.
-

- 1. Distrito onde reside _____
- 2. Concelho onde reside _____
- 3. Concelho onde nasceu _____
- 4. Data de nascimento _____
- 5. Sexo: Masculino ☐ Feminino ☐
- 6. Última Escola que frequentou _____
- 7. Último ano que frequentou _____
- 8. Horário: Manhã ☐ Tarde ☐
- 9. Qual a sua ocupação actual? _____

10. Na sua opinião, indique quais os motivos que o influenciaram a tomar a decisão de não continuar a estudar.

(Utilize, para cada uma das opções, a seguinte escala: 1- Sem Importância; 2- Pouca Importância; 3- Importante, 4- Muito Importante)

- Os professores faltam muito ☐
- Não gosta de estudar ☐
- Prefere ir trabalhar ☐
- Os seus pais não querem que continue a estudar ☐
- Os seus pais têm dificuldades financeiras ☐
- Julga que não são necessários tantos estudos ☐
- O que se aprende não serve para nada ☐
- Reprovou muitas vezes ☐
- Não gosta da forma como a matéria é exposta ☐
- Condições físicas da escola ☐
- Outros _____ ☐

11. Alguma vez reprovou ?

Não ☐
Sim ☐

Quantas vezes? 2º Ano _____
3º Ano _____
4º Ano _____
5º Ano _____
6º Ano _____
7º Ano _____
8º Ano _____

12. Que classificação obteve no último ano lectivo em que estudou _____

13. Os seus pais/encarregado de educação costumavam acompanhar os seus estudos ?
Muitas Vezes ☐ Algumas Vezes ☐ Raramente ☐

14. Os seus pais/encarregados de educação costumavam ir às reuniões convocadas pelos Directores de Turma ?
Muitas Vezes ☐ Algumas Vezes ☐ Raramente ☐

15. Tinha alguém que o ajudasse a estudar ?

Sim ☐ Quem? _____
Não ☐

16. Na sua casa existe um local onde podia estudar com sossego ?

Sim ☐
Não ☐

17. Tem irmãos ?

Sim ☐ Quantos ? _____
Não ☐

18. Quantas pessoas vivem habitualmente consigo (incluindo-o a si) ? _____

19. Quais as habilitações dos seus pais ?

	PAI	MÃE
- Não sabe ler nem escrever, ou não tem a 4ª classe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Tem a 4ª classe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Ciclo preparatório (6º ano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Curso geral do Ensino Secundário (9º ano de escolaridade)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Curso Complementar do Ensino Secundário (12º ano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Curso Médio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Curso Superior	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Qual ? _____		

20. Qual a profissão do pai ? _____

21. Qual a profissão da mãe ? _____

22. Qual o seu rendimento mensal líquido e o dos seus pais?

	EX-ALUNO	PAI	MÃE
- Menos de 39 contos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Entre 40 e 49 contos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Entre 50 e 59 contos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Entre 60 e 79 contos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Entre 80 e 99 contos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Entre 100 e 139 contos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Entre 140 e 199 contos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Entre 200 e 249 contos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Mais do que 250 contos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

23. Quais as actividades que ocupam os seus tempos livres ?

24. Caracterize, na primeira coluna, a última Escola que frequentou, de acordo com a escala e a lista abaixo indicadas. Indique, também, na segunda coluna, como desejaria que a Escola fosse, usando os mesmos critérios.

(Utilize, para cada uma das opções, a seguinte escala: 1- Fraco; 2- Médio; 3- Bom;

4- Muito Bom)

	<u>Existente</u>	<u>Desejada</u>
- Localização	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Instalações	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Segurança	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Horários	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Desportos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Exposições	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Conferências	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Visitas de Estudo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Biblioteca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Centro de Recursos (informática, videoteca, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Outras _____		

25. Caracterize, na primeira coluna, as qualidades que, em sua opinião, eram mais importantes nos seus professores. Indique, também, na segunda coluna, as qualidades que desejaria que os seus professores tivessem.

(Utilize, para cada uma das opções, a seguinte escala: 1- Sem Importância; 2- Pouca Importância; 3- Importante; 4- Muito Importante)

	<u>Verificadas</u>	<u>Desejadas</u>
- Competência	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Justiça	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Exigência	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Pontualidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Afabilidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Flexibilidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Assiduidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Compreensão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Empenhamento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Outras _____		

26. Considera que os empregados auxiliares da sua Escola eram úteis aos alunos ?

Muitas Vezes ☐ Algumas Vezes ☐ Raramente ☐

27. A sua relação com os seus colegas era:

	<u>Dentro da Escola</u>	<u>Fora da Escola</u>
Muito Boa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Boa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Média	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fraca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

ANEXO Nº 4 - ENCARGADOS DE EDUCAÇÃO

Instruções

- a) Este inquérito tem como objectivo principal compreender as razões que levam alguns alunos a abandonarem a escola precocemente. Não se pretende fazer juízos de valor, tenta-se sim, verificar de uma forma não empírica quais os verdadeiros motivos que levam ao abandono precoce do sistema educativo.
- b) Por favor responda a todas as perguntas deste questionário.
- c) No caso em que a sua resposta é uma de entre várias que são propostas, assinale com um X aquela(s) que lhe diz(em) respeito.
- d) Não escreva o seu nome porque o inquérito é anónimo.
- e) Responda com VERDADE.
- f) Muito obrigado pela sua colaboração.

1. Distrito onde reside _____

2. Concelho onde reside _____

3. Concelho onde nasceu _____

4. Data de nascimento _____

5. Sexo: Masculino ☐ Feminino ☐

6. Grau de parentesco em relação ao seu educando ? _____

7. O seu educando vive consigo ? _____

8. Quais são as suas habilitações ?

- Não sabe ler nem escrever, ou não tem a 4ª classe ☐

- Tem a 4ª classe ☐

- Ciclo preparatório (6º ano de escolaridade) ☐

- Curso geral do Ensino Secundário (9º ano de escolaridade) ☐

- Curso Complementar do Ensino Secundário (12º ano) ☐

- Curso Médio ☐

- Curso Superior ☐

Qual ? _____

9. Gostava que o seu filho/educando continuasse a estudar ?

Sim ☐

Não ☐

10. Na sua opinião, indique quais os motivos que podem influenciar a decisão do seu filho/educando não continuar a estudar.

(Utilize, para cada uma das opções, a seguinte escala: 1- Sem Importância; 2- Pouca Importância; 3- Importante; 4- Muito Importante)

- Os professores faltam muito ☐
- O seu filho/educando não gosta de estudar ☐
- Prefere que o seu filho/educando vá trabalhar ☐
- Tem dificuldades financeiras ☐
- Julga que não são necessários tantos estudos ☐
- O que se aprende não serve para nada ☐
- O seu filho/educando reprovou muitas vezes ☐
- Não gosta da forma como a matéria é exposta ☐
- Condições físicas da escola ☐
- Outros _____

11. Costuma acompanhar os estudos do seu filho/educando ?

Muitas Vezes ☐ Algumas Vezes ☐ Raramente ☐

12. Costuma ir às reuniões convocadas pelos Directores de Turma ?

Muitas Vezes ☐ Algumas Vezes ☐ Raramente ☐

13. Considera essas reuniões importantes ?

Sim ☐
Não ☐

Porquê? _____

14. Na sua casa existe um local onde o seu filho/educando possa estudar com sossego ?

Sim ☐
Não ☐

15. Quantas pessoas compõem o seu agregado familiar ? _____

16. Qual a sua profissão? _____

17. Qual o seu rendimento mensal líquido?

- Menos de 39 contos ☐
- Entre 40 e 49 contos ☐
- Entre 50 e 59 contos ☐
- Entre 60 e 79 contos ☐
- Entre 80 e 99 contos ☐
- Entre 100 e 139 contos ☐
- Entre 140 e 199 contos ☐
- Entre 200 e 249 contos ☐
- Mais do que 250 contos ☐

18. Caracterize, na primeira coluna, a Escola do seu filho/educando, de acordo com a escala e a lista abaixo indicadas. Indique, também, na segunda coluna, como desejaria que a Escola fosse, usando os mesmos critérios.

(Utilize, para cada uma das opções, a seguinte escala: 1- Fraco; 2- Médio; 3- Bom; 4- Muito Bom)

	<u>Existente</u>	<u>Desejada</u>
- Localização	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Instalações	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Segurança	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Horários	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Desportos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Exposições	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Conferências	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Visitas de Estudo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Biblioteca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Centro de Recursos (informática, videoteca, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Outras _____		

19. Caracterize, na primeira coluna, as qualidades que, em sua opinião, são mais importantes nos professores do seu filho/educando. Indique, também, na segunda coluna, as qualidades que desejaria que os professores do seu filho/educando tivessem.

(Utilize, para cada uma das opções, a seguinte escala: 1- Sem Importância; 2- Pouca Importância; 3- Importante; 4- Muito Importante)

	<u>Verificadas</u>	<u>Desejadas</u>
- Competência	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Justiça	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Exigência	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Pontualidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Afabilidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Flexibilidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Assiduidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Compreensão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Empenhamento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Outras _____		

20. Considera que os empregados auxiliares da escola que o seu filho frequenta são úteis aos alunos ?

Muitas Vezes ☐ Algumas Vezes ☐ Raramente ☐

21. A relação do seu filho/educando com os colegas é:

	<u>Dentro da Escola</u>	<u>Fora da Escola</u>
Muito Boa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Boa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Média	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fraca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

RESULTADOS DOS INQUÉRITOS LANÇADOS AOS ALUNOS QUE AINDA ESTUDAM

1. Distrito de Residência:

Quadro nº I - Distribuição dos Alunos inquiridos por Distritos

<i>Distrito</i>	<i>Frequência</i>
Lisboa	346
Amadora	6
Sintra	1
Setúbal	1
Não Sabe/Não Responde	6
Total	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

2. Concelho de Residência

Quadro nº II - Distribuição dos Alunos inquiridos por Concelho de Residência

<i>Concelho de Residência</i>	<i>Frequência</i>
Amadora	214
Lisboa	74
Lourinhã	55
Outros	11
Não Responde	6
Total	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

3. Concelho de Nascimento

**Quadro nº III - Distribuição dos Alunos inquiridos
por Concelho de Nascimento**

<i>Concelho de Nascimento</i>	<i>Frequência</i>
Lisboa	242
Torres Vedras	43
Amadora	19
Outros	41
Não Responde	15
Total	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

4. Escola Frequentada

**Quadro nº IV - Distribuição dos Alunos inquiridos
por Escola Frequentada**

<i>Escola Frequentada</i>	<i>Frequência</i>
Josefa de Óbidos	80
C+S de Almeida Garrett	98
B2+3 de Alfoanelos	125
C+S de Ribamar	57
Total	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

5. Idade

**Quadro nº V - Distribuição dos Alunos inquiridos
por Idade**

<i>Idade</i>	<i>Frequência</i>
12	63
13	97
14	134
15	31
16	20
17	3
18	1
Não Responde	11
Total	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

6. Sexo

Quadro nº VI - Distribuição dos Alunos inquiridos por Sexo

<i>Sexo</i>	<i>Frequência</i>
Masculino	171
Feminino	185
Não Responde	4
Total	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

7. Ano Frequentado

Quadro nº VII - Distribuição dos Alunos inquiridos por Ano escolar frequentado

<i>Ano</i>	<i>Frequência</i>
6º	90
7º	153
8º	117
Total	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

8. Horário

Quadro nº VIII - Distribuição dos Alunos inquiridos diferentes tipos de horários

<i>Horário</i>	<i>Frequência</i>
Manhã	151
Tarde	151
Misto	58
Total	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

9. Tenciona continuar a estudar

Quadro nº IX - Intenção de Continuar a Estudar

<i>Pretende Continuar a Estudar?</i>	<i>Frequência</i>
Sim	339
Não	5
Não Sabe	14
Não Responde	2
Total	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

10. Pretende continuar a estudar na mesma escola

Quadro nº X - Intenções de prosseguir estudos na Escola actual

<i>Pretende Continuar na mesma escola?</i>	<i>Frequência</i>
Sim	275
Não	58
Não Sabe/Não Responde	6
Total	339

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

11. Motivo porque pretende mudar de Escola

Quadro nº XI - Motivos para mudar de Escola

<i>Motivo</i>	<i>Frequência</i>
1. Escola só tem até 9º ano	11
2. Vai mudar de casa	5
3. Não existe segurança	22
4. Não gostar da Escola/colegas	9
5. Escola fica longe da residência	4
6. Já reprovou	1
Não Sabe/Não Responde	6
Total	58

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

12.Motivos que poderão levar ao Abandono



Quadro nº XII - Classificação dos motivos que poderão motivar o abandono (%)

<i>Razão</i>	<i>1-S/Imp.</i>	<i>2-P.Imp.</i>	<i>3- Imp.</i>	<i>4- M. Imp.</i>	<i>NS/NR</i>
1.Os professores faltam muito	21,4	9,2	11,4	10	67,4
2.Não gosta de estudar	6,9	5,3	21,1	27,5	39,2
3.Prefere ir trabalhar	21,7	6,7	18,9	12,8	39,9
4.Os seus pais não querem que continue a estudar	19,7	4,2	10,3	25,6	40,2
5.Os seus pais têm dificuldades financeiras	15,6	6,4	14,7	22,2	41,1
6.Julga que não são necessários tantos estudos	15,6	10,6	16,4	16,4	41,1
7.O que se aprende não serve para nada	20,6	7,8	11,7	18,6	41,4
8.Reprovou muitas vezes	20,8	6,7	14,7	16,7	41,1
9.Não gosta da forma como a matéria é exposta	13,6	17,8	16,9	11,4	40,3
10.Condições físicas da escola	11,1	15	13,6	18,9	41,4
11.Outros					96,1
Não gostar da escola/colegas				1,3	
Más companhias				1,3	
Segurança				1,3	

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Nota: A escala utilizada é a seguinte: 1 - Sem importância; 2 - Pouca importância; 3 - Importante; 4 - Muito importante; NS/NR - Não sabe / Não responde

13.Classificação

Quadro nº XIII - Classificação de cada Aluno inquirido no ano lectivo transacto

<i>Classificação</i>	<i>Frequência</i>
1	1
2	30
3	243
4	47
5	16
Não Sabe/Não Responde	23
Total	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

14.Reprovação

Quadro nº XIV - Reprovações

<i>Reprovou</i>	<i>Frequência</i>
Sim	115
Não	224
Não Sabe/Não Responde	1
Total	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Quadro nº XIV b) - Taxa de reprovação por ano lectivo

<i>Ciclos</i>	<i>Ano Lectivo</i>	<i>Frequência de Reprovação</i>
1º Ciclo	2º	27
	3º	5
	4º	27
2º Ciclo	5º	27
	6º	16
3º Ciclo	7º	22
	8º	7
Total		131

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

15.Acompanhamento dos estudos

Quadro nº XV - Acompanhamento dos estudos pelos Encarregados de educação/Pais

<i>Ajuda</i>	<i>Frequência</i>
Muitas Vezes	200
Algumas Vezes	129
Raramente	26
Não Sabe/Não Responde	5
Total	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

16.Frequência de ida às reuniões convocadas pelos Directores de Turma

Quadro nº XVI - Comparência dos Encarregados de Educação/Pais às reuniões convocadas pelos Directores de Turma

<i>Ida às Reuniões</i>	<i>Frequência</i>
Muitas Vezes	231
Algumas Vezes	92
Raramente	35
Não Sabe/Não Responde	2
Total	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

17.Tem alguém que o ajude a estudar

Quadro nº XVII - Nº de alunos que recorrem a ajuda nos estudos

<i>Ajuda</i>	<i>Frequência</i>
Sim	239
Não	120
Não Sabe/Não Responde	1
Total	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Quadro nº XVII b) - Quem ajuda os alunos inquiridos a estudar

<i>Quem ajuda</i>	<i>Frequência</i>
1. Pai	23
2. Mãe	61
3. Pai e Mãe	56
4. Explicador/a	26
5. Irmão/ã	80
6. Colegas/Outros familiares	26
7. Encarregado de Educação	1
Não Sabe/Não Responde	87
Total	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

18.Existe um local onde possa estudar com sossego

Quadro nº XVIII - Nº de alunos inquiridos que tem um local sossegado em casa para estudar

<i>Local Sossegado em casa</i>	<i>Frequência</i>
Sim	338
Não	20
Não Sabe/Não Responde	2
Total	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

19.Tem irmãos

Quadro nº XIX - Nº de irmãos

<i>Tem Irmãos?</i>	<i>Frequência</i>
Sim	302
Quantos:	
1	171
2	81
3	26
4	14
5	8
6	2
Não	57
Não Sabe/Não Responde	1
Total	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

20. Agregado familiar

Quadro nº XX - Nº de pessoas que compõem o agregado familiar

<i>Agregado Familiar</i>	<i>Frequência</i>
1	2
2	18
3	77
4	146
5	68
6	27
7	13
8	2
9	2
Outros	5
Total	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Outros: Alunos que vivem num colégio interno

21. Habilitações dos Pais

Quadro nº XXI - Habilitações dos Pais

<i>Habilitações</i>	<i>Frequência Pai</i>	<i>Frequência Mãe</i>
< 4ª classe	8	23
4ª classe	158	140
6º ano de escolaridade	53	61
9º ano de escolaridade	40	51
12º ano	23	29
Curso Médio	17	18
Curso Superior	36	23
Não Sabe/Não Responde	25	15
Total	360	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Quadro nº XXII - Profissão do Pai

<i>Profissão do Pai</i>	<i>Frequência</i>
1. Desempregado	10
2. Reformado	14
3. Quadros superiores da Administração Pública, dirigentes e quadros superiores de empresas	34
4. Especialistas de profissões intelectuais e científicas	33
5. Técnicos e profissionais de nível intermédio	32
6. Pessoal Administrativo e similares	18
7. Pessoal dos serviços e vendedores	37
8. Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	32
9. Operários, artífices e trabalhadores similares	85
10. Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem	19
11. Trabalhadores não qualificados	11
Não sabe/Não responde	33
Total	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Quadro nº XXIII - Profissão da Mãe

<i>Profissão da Mãe</i>	<i>Frequência</i>
1. Desempregado	7
2. Reformado	4
3. Quadros superiores da Administração Pública, dirigentes e quadros superiores de empresas	18
4. Especialistas de profissões intelectuais e científicas	28
5. Técnicos e profissionais de nível intermédio	31
6. Pessoal Administrativo e similares	28
7. Pessoal dos serviços e vendedores	60
8. Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	1
9. Operários, artífices e trabalhadores similares	18
10. Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem	2
11. Trabalhadores não qualificados	13
12. Doméstica	137
Não sabe/Não responde	12
Total	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

24. Rendimento mensal líquido dos Pais

Quadro nº XXIV - Rendimento mensal líquido dos Pais

<i>Rendimento</i>	<i>Frequência Pai</i>	<i>Frequência Mãe</i>
< 39 contos	18	36
40 a 49 contos	13	22
50 a 59 contos	13	25
60 a 79 contos	28	46
80 a 99 contos	47	38
100 a 139 contos	59	38
140 a 199 contos	30	18
200 a 249 contos	21	8
> 250 contos	28	13
Não Sabe/Não Responde	103	116
Total	360	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

25. Ocupação dos Tempos Livres

Quadro nº XXV- Ocupação dos Tempos Livres

	<i>Frequência</i>
1. Jogos electrónicos / computador	47
2. Estudar / ler / escrever	78
3. Ver televisão, vídeo, cinema	50
4. Ouvir musica	34
5. Passear	13
6. Praticar desportos	77
7. Brincar	8
8. Estar com os amigos	5
9. Ajudar mãe/pai	5
10. Descansar	2
11. Dançar	2
12. Variadas	10
Não Responde	29
Total	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

26.Caracterização da escola

Quadro nº XXVI - Caracterização da Escola

Razão	Existente(%)					Desejada(%)				
	<i>1- Frc.</i>	<i>2- Méd.</i>	<i>3- Bom</i>	<i>4-M. Bom</i>	<i>NS / NR</i>	<i>1- Frc.</i>	<i>2- Méd.</i>	<i>3- Bom</i>	<i>4-M. Bom</i>	<i>NS / NR</i>
1. Localização	10,3	34,2	35,8	14,2	5,6	1,1	2,8	18,6	47,8	29,7
2. Instalações	11,7	37,8	35,6	8,9	6,1	1,4	4,2	14,4	50,8	29,2
3. Segurança	30,6	32,5	25,3	5,3	6,4	1,4	1,7	10,6	60	26,4
4. Horários	9,7	26,9	41,4	15,3	6,7	0,8	3,3	16,9	50,6	28,3
5. Desportos	9,2	31,1	34,2	19,4	6,1	1,1	1,9	12,8	55	29,2
6. Exposições	25	29,7	26,7	11,7	6,9	2,8	6,9	19,4	41,7	29,2
7.Conferências	27,5	28,3	18,1	5	21,1	3,9	12,8	18,3	34,4	30,6
8. Visitas de Estudo	33,6	26,4	21,9	9,7	8,3	3,1	2,2	10,6	57,5	26,7
9. Biblioteca	4,4	16,4	44,4	28,3	6,4	0,8	3,6	16,1	48,1	31,4
10. Centro de Recursos	13,3	16,7	35,3	25,6	9,2	1,7	3,3	12,5	53,6	38,9
11.Outros	Não aplicável (Ninguém respondeu)									

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Nota: A escala utilizada é a seguinte: 1 - Fraco; 2 - Médio; 3 - Bom; 4 - Muito Bom; NS/NR - Não sabe/Não responde.

27.Caracterização dos professores

Quadro nº XXVII- Caracterização dos professores

Razão	Existente(%)					Desejada(%)				
	<i>1-S / Imp</i>	<i>2-P / Imp</i>	<i>3- Imp.</i>	<i>4-M / Imp</i>	<i>NS / NR</i>	<i>1-S / Imp</i>	<i>2-P / Imp</i>	<i>3- Imp</i>	<i>4-M. / Imp</i>	<i>NS / NR</i>
1. Competência	5	7,8	45,3	34,2	7,8	1,7	1,9	12,5	52,8	31,1
2. Justiça	12,8	10,3	42,8	27,5	6,7	2,2	2,5	9,2	57,5	28,6
3. Exigência	4,4	13,9	51,7	23,6	6,4	6,1	5,6	18,6	38,3	31,4
4. Pontualidade	8,9	16,7	39,2	29,2	6,1	5	3,9	12,5	47,5	31,1
5. Afabilidade	7,5	12,5	44,4	24,7	10,8	1,7	1,9	15,8	48,3	32,2
6. Flexibilidade	6,9	16,4	46,9	20,6	9,2	2,2	3,3	15,6	47,2	31,7
7. Assiduidade	4,4	9,7	42,8	34,2	8,9	3,1	3,1	12,2	49,7	31,9
8. Compreensão	5,3	13,1	36,4	35,3	10	1,7	1,1	9,2	57,2	30,8
9. Empenhamento	3,6	5,6	34,7	45,8	10,3	1,7	1,4	7,8	56,1	33,1
10. Outras	Não aplicável (Ninguém respondeu)									

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

Nota: A escala utilizada é a seguinte: 1 - Sem importância; 2 - Pouca importância; 3 - Importante; 4 - Muito importante; NS/NR - Não sabe / Não responde. No caso das colunas incluídas na rubrica "Existente" a palavra "importância" deverá ser entendida como satisfação.

28. Considera os empregados auxiliares úteis?

Quadro nº XXVIII- Utilidade dos empregados auxiliares

<i>Empregados Auxiliares úteis?</i>	<i>Frequência</i>
Muitas Vezes	95
Algumas Vezes	190
Raramente	64
Não Sabe/Não Responde	11
Total	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

29. Relação com os colegas

Quadro nº XXIX - Relação dos alunos inquiridos com os colegas

<i>Relação com os colegas</i>	<i>Frequência</i>
Dentro da Escola	
Muito Boa	206
Boa	119
Média	25
Fraca	5
Não Sabe/Não Responde	5
Total	360
Fora da Escola	
Muito Boa	203
Boa	108
Média	33
Fraca	8
Não Sabe/Não Responde	8
Total	360

Fonte: Inquérito lançado aos alunos

RESULTADOS DOS INQUÉRITOS LANÇADOS AOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

1. Distrito de Residência:

Quadro nº I - Distribuição dos encarregados de Educação por Distrito de Residência

<i>Distrito</i>	<i>Frequência</i>
Lisboa	219
Amadora	12
Outros	3
Não sabe/Não responde	4
Total	238

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

2. Concelho de Residência

Quadro nº II - Distribuição dos Encarregados de Educação por Concelho de Residência

<i>Concelho de Residência</i>	<i>Frequência</i>
Amadora	142
Lourinhã	43
Lisboa	42
Outros	9
Não Sabe/Não Responde	2
Total	238

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

3. Concelho de Nascimento

Quadro nº III - Distribuição dos Encarregados de Educação por Concelho de Nascimento

<i>Concelho de Nascimento</i>	<i>Frequência</i>
Lisboa	62
Lourinhã	36
Amadora	1
Outros	
Não Sabe/Não Responde	
Total	238

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

4. Idade

Quadro nº IV - Distribuição dos Encarregados de Educação por grupos etários

<i>Idade</i>	<i>Frequência</i>
< 30 anos	3
30 a 35 anos	44
36 a 40 anos	64
41 a 45 anos	66
46 a 55 anos	44
> 56 anos	6
Não Responde	11
Total	238

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

5. Sexo

Quadro nº V - Distribuição dos Encarregados de Educação por sexo

<i>Sexo</i>	<i>Frequência</i>
Masculino	63
Feminino	175
Não Sabe/Não Responde	-
Total	238

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

6. Grau de Parentesco

Quadro nº VI - Relação de parentesco do Encarregado de Educação com o aluno

<i>Grau de Parentesco</i>	<i>Frequência</i>
Pai	63
Mãe	167
Avô/Avó	4
Outros	3
Não Sabe/Não Responde	1
Total	238

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

7. Vive com o Educando?

Quadro nº VII - Vive com o educando?

<i>Vive com o seu Educando?</i>	<i>Frequência</i>
Sim	235
Não	3
Não sabe/Não responde	-
Total	238

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

8. Habilitações

Quadro nº VIII - Habilitações dos Encarregados de Educação

<i>Habilitações</i>	<i>Frequência</i>
Encarregado de Educação	
< 4ª classe	9
4ª classe	80
6º ano de escolaridade	50
9º ano de escolaridade	37
12º ano	26
Curso Médio	13
Curso Superior	21
Não Sabe/Não Responde	2
Total	238

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

9. Gostava que o seu educando continuasse a estudar

Quadro nº IX - Desejos dos Encarregados de Educação relativamente ao prosseguimento de estudos dos seus educandos

<i>Continuar a Estudar</i>	<i>Frequência</i>
Sim	235
Não	2
Não sabe/Não responde	1
Total	238

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

10. Motivos que poderão levar ao Abandono

Quadro nº X - Classificação dos motivos que poderão motivar o abandono (%)

<i>Razão</i>	<i>1-S.Imp.</i>	<i>2-P.Imp.</i>	<i>3-Imp.</i>	<i>4-M.Imp.</i>	<i>NS/NR</i>
1.Os professores faltam muito	13	7,6	16,4	26,9	36,1
2.O seu filho/educando não gosta de estudar	8,4	4,2	17,6	31,1	38,7
3.Prefere que o seu filho/educando vá trabalhar	39,5	6,3	4,6	6,3	43,3
4.Tem dificuldades financeiras	15,5	11,8	15,5	18,1	39,1
5.Julga que não são necessários tantos estudos	18,1	7,1	12,2	18,9	43,7
6.O que se aprende não serve para nada	20,2	8,4	8	20,2	43,3
7.O seu filho/educando reprovou muitas vezes	26,1	6,7	10,1	13,4	43,7
8.Não gosta da forma como a matéria é exposta	12,2	12,6	21,0	12,2	42
9.Condições físicas da escola	10,5	10,1	18,9	19,7	40,8
10.Outros					
Más influências	-	-	-	0,4	99,6
Motivações por parte dos professores	-	-	-	0,4	99,6
Alunos desejarem ser independentes	-	-	-	0,4	99,6
Falta de Disciplina	-	-	-	0,4	99,6
Falta de Segurança	-	-	-	0,4	99,6

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

Nota: A escala utilizada é a seguinte: 1 - Sem importância; 2 - Pouca importância; 3 - Importante; 4 - Muito importante; NS/NR - Não sabe / Não responde.

11. Acompanhamento dos estudos

Quadro nº XI - Acompanhamento dos estudos dos educandos

<i>Ajuda</i>	<i>Frequência</i>
Muitas Vezes	128
Algumas Vezes	94
Raramente	14
Não Sabe/Não Responde	2
Total	238

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

12. Frequência de ida às reuniões convocadas pelos Directores de Turma

Quadro nº XII - Comparência às reuniões convocadas pelos Directores de Turma

<i>Ida às Reuniões</i>	<i>Frequência</i>
Muitas Vezes	156
Algumas Vezes	61
Raramente	20
Não Sabe/Não Responde	1
Total	

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

13. Reuniões Importantes?

Quadro nº XIII - Importância das reuniões convocadas pelos Directores de Turma

<i>Reuniões Importantes?</i>	<i>Frequência</i>
Sim	230
Não	5
Não sabe/Não responde	3
Total	238
<i>Porquê?</i>	
Saber/Acompanhar educando	165
Acompanhar educando /Explicações do Dir. Turma; Opinião dos outros pais	22
Ligação Família-Escola	14
Só Dizem o que sabemos	1
Não Sabe/Não Responde	36
Total	238

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

14. Existe um local onde possa estudar com sossego

Quadro nº XIV- Existência de um local sossegado em casa

<i>Local Sossegado em casa</i>	<i>Frequência</i>
Sim	226
Não	10
Não Sabe/Não Responde	2
Total	238

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

15. Agregado Familiar

Quadro nº XV - Agregado familiar

<i>Agregado Familiar</i>	<i>Frequência</i>
1	1
2	8
3	54
4	108
5	37
6	14
7	8
8	4
9	1
45	1
Não sabe/Não responde	2
Total	238

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

16. Profissão do Encarregado de Educação

Quadro nº XVI - Profissão dos Encarregados de Educação

<i>Profissão</i>	<i>Frequência</i>
1. Desempregado	5
2. Reformado	8
3. Quadros superiores da Administração Publica, dirigentes e quadros superiores de empresas	21
4. Especialistas de profissões intelectuais e científicas	19
5. Técnicos e profissionais de nível intermédio	27
6. Pessoal Administrativo e similares	22
7. Pessoal dos serviços e vendedores	30
8. Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	3
9. Operários, artífices e trabalhadores similares	18
10. Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem	4
11. Trabalhadores não qualificados	9
12. Doméstico/a	70
Não sabe/Não responde	2
Total	238

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

17.Rendimento Mensal Líquido

Quadro nº XX - Rendimento mensal líquido do Encarregado de Educação

<i>Rendimento</i>	<i>Frequência</i>
Encarregado de Educação	
< 39 contos	26
40 a 49 contos	11
50 a 59 contos	24
60 a 79 contos	37
80 a 99 contos	23
100 a 139 contos	35
140 a 199 contos	23
200 a 249 contos	14
> 250 contos	19
Não Responde	26
Total	238

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

18.Caracterização da Escola

Quadro nº XVIII - Caracterização da Escola do educando

Razão	Existente (%)					Desejada (%)				
	1- Frc.	2- Méd.	3- Bom	4-M. Bom	NS / NR	1- Frc.	2- Méd.	3- Bom	4-M. Bom	NS / NR
1. Localização	9,7	23,9	38,7	15,5	12,2	0,4	1,7	16,4	45,4	36,1
2. Instalações	7,1	37,8	34,0	8,0	13,0	-	0,8	19,7	44,1	35,3
3. Segurança	29,4	33,6	18,1	5,9	13,0	-	2,1	12,2	54,6	31,1
4. Horários	4,6	26,9	45,0	10,9	12,6	-	2,1	20,2	42,9	34,9
5. Desportos	19,3	28,6	31,9	6,7	13,4	0,4	1,3	25,6	39,1	33,6
6. Exposições	31,1	31,9	18,5	3,4	15,1	0,8	5,5	25,6	33,2	34,9
7. Conferências	36,1	24,8	12,6	4,2	22,3	0,8	7,1	25,6	32,4	34,0
8. Visitas de Estudo	28,2	33,6	19,3	5,5	13,4	0,4	2,5	20,6	42,9	33,6
9. Biblioteca	6,3	23,1	43,7	12,6	14,3	0,4	1,3	18,5	44,5	35,3
10. Centro de Recursos	19,7	23,1	26,9	10,5	19,7	0,4	1,3	17,2	45,4	35,7
11.Outros										
Acessos Perigosos	-	-	-	0,8	99,2	-	-	-	-	100
Falta de Disciplina	-	-	-	0,8	99,2	-	-	-	-	100

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

Nota: A escala utilizada é a seguinte: 1 - Fraco; 2 - Médio; 3 - Bom; 4 - Muito Bom; NS/NR - Não sabe/Não responde.

19. Caracterização dos professores

Quadro nº XIX - Caracterização dos professores do educando

Razão	Existente (%)					Desejada (%)				
	1-S / Imp	2-P / Imp	3- Imp.	4-M / Imp	NS / NR	1-S / Imp	2-P / Imp	3- Imp	4-M. / Imp	NS / NR
1. Competência	5,0	5,0	43,7	27,3	18,9	0,8	0,8	8,0	52,9	37,4
2. Justiça	3,8	12,6	41,6	22,7	19,3	0,4	2,1	11,8	50,8	34,9
3. Exigência	2,5	11,8	49,2	18,1	18,5	0,4	1,7	19,3	42,9	35,7
4. Pontualidade	3,8	12,6	41,2	24,4	18,1	0,4	0,8	14,7	48,7	35,3
5. Afabilidade	3,8	12,6	43,3	19,7	20,6	0,4	1,7	19,7	42,0	36,1
6. Flexibilidade	2,9	14,3	47,9	13,9	21,0	0,0	2,9	21,0	39,5	36,6
7. Assiduidade	2,5	9,7	39,5	27,3	21,0	0,8	0,4	10,1	54,6	34,0
8. Compreensão	2,1	10,1	37,4	30,7	19,7	0,4	0,8	10,1	53,8	34,9
9. Empenhamento	2,1	8,4	35,3	32,4	21,8	0,8	0,0	10,5	52,9	35,7
10. Outras										
Disciplina	-	-	-	0,4	99,6	-	-	-	0,8	99,2

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

Nota: A escala utilizada é a seguinte: 1 - Sem importância; 2 - Pouca importância; 3 - Importante; 4 - Muito importante. No caso das colunas incluídas na rubrica "Existente" a palavra "importância" deverá ser entendida como satisfação.

20. Considera os empregados auxiliares úteis?

Quadro nº XX - Utilidade dos empregados auxiliares

<i>Empregados Auxiliares úteis?</i>	<i>Frequência</i>
Muitas Vezes	82
Algumas Vezes	94
Raramente	20
Não Sabe/Não Responde	42
Total	238

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação

21. Relação com os colegas

Quadro nº XXI - Relação dos educandos com os colegas

<i>Relação com os colegas</i>	<i>Frequência</i>
Dentro da Escola	
Muito Boa	103
Boa	84
Média	8
Fraca	1
Não Sabe/Não Responde	42
Total	238
Fora da Escola	
Muito Boa	95
Boa	73
Média	17
Fraca	7
Não Sabe/Não Responde	46
Total	238

Fonte: Inquérito lançado aos Encarregados de Educação